



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
RAIMUNDA DO SOCORRO SOUSA DOS SANTOS MONTEIRO

PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DA TELEVISÃO COMO RECURSO DE
APRENDIZAGEM NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA JOSEFA JUCILEIDE
AMORAS COLARES

MACAPÁ

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Raimunda do Socorro Sousa dos Santos Monteiro

**PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DA TELEVISÃO COMO RECURSO DE
APRENDIZAGEM NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA JOSEFA JUCILEIDE
AMORAS COLARES**

Projeto de pesquisa apresentado à
Coordenação do Curso de Mídias na
Educação, da Universidade Federal do
Amapá - UNIFAP para obtenção do título
de especialista.

Concentração: Mídias na Educação

Sob orientação do Prof. Msc. José
Henrique Dias de Souza.

Universidade Federal do Amapá
Curso de Especialização em Mídias na Educação

Título do trabalho: A Televisão como recurso de aprendizagem na Esc. Est. Profª Josefa Jucileide A. Colares.

Autora: Raimunda do Socorro S. S. Monteiro

Defesa em: ____/____/____

Conceito obtido: _____

Banca Examinadora

Prof. Msc. José Henrique Dias de Sousa.
Orientador

Prof. Msc. Geraldo Neves Albuquerque Maranhão

Prof. Msc. Rafael Wagner dos Santos Costa

*“O espaço e o tempo estão em permanente
Interação, são relativos em vez de
absolutos, dependentes do observador, e
partes integrantes de um continuum
quadridimensional.”*

Albert Einstein

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela sabedoria que este me proporcionou;

Aos meus familiares pelo apoio em todos os momentos e que contribuíram para a obtenção deste sucesso;

Ao professor Msc. Rafael Wagner dos Santos Costa, pelo compromisso e responsabilidade que teve como tutor.

Ao meu orientador, Professor Msc. José Henrique Dias de Souza;

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente monografia aborda o tema referente à importância da televisão como recurso de aprendizagem em sala de aula, objetivando refletir a cerca da televisão e contribuir com o processo educativo, no que se refere à formação do professor enquanto mediador e articulador do ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, com o melhor rendimento do aluno. Para o desenvolvimento da parte teórica, foram consideradas questões que norteiam a relação televisão e educação, tais como: o poder da televisão, a sala de aula, o potencial educativo da televisão, seu uso como recurso de aprendizagem e a importância da mediação do professor, bem como os desafios da escola frente a essa realidade. Para a apresentação da proposta de intervenção, elaboraram-se dois projetos: um com foco na formação continuada do professor e outro para aplicação em sala de aula, nas turmas de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Assim vislumbra-se ter a oportunidade de desenvolver os referidos projetos na Escola Estadual Profª Josefa Jucileide Amoras Colares e, com isso, espera-se contribuir com a melhoria na qualidade da educação bem como com o melhor aproveitamento da televisão como recurso de aprendizagem naquela instituição.

Palavras-chaves: Televisão – Ensino- aprendizagem - Educação

ABSTRACT

This monograph discusses the issue concerning the importance of television as a learning resource in the classroom, in order to reflect about television and contribute to the educational process, with regard to training of the teacher as facilitator and organizer of teaching and learning and consequently, with the best student achievement. To develop the theoretical part, we considered issues that guide the relationship television and education such as: the power of television, the classroom, the educational potential of television, its use as a learning resource and the importance of the teacher's mediation, well as the challenges the school faced with this reality. For the presentation of the proposed intervention, drew up two projects: one focusing on continuing education teacher and another for use in the classroom, in groups of 3rd and 4th grade of elementary school. Thus glimpses have the opportunity to develop these projects in the State School Prof. Josefa Jucileide Blackberries Necklaces and, thus, is expected to contribute to improving the quality of education as well as better use of television as a learning resource that institution .

Keywords: Television - Teaching and Learning - Education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O USO DA TELEVISÃO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM	13
2.1 Tecnologias e Educação	13
2.1.1 A televisão no Brasil	15
2.2 O Poder da Televisão	17
2.3 A Televisão na Sala de Aula	19
2.4 O Potencial Educativo da Televisão	21
2.5 A Televisão como Recurso de Aprendizagem e a Mediação do Professor	24
2.6 A Televisão e os Desafios da Escola	28
3 PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DA TELEVISÃO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM	32
3.1 Apresentação do Lócus	32
3.2 A Formação do Professor	33
3.2.1 Curso de formação continuada – Professor Ligado	33
3.2.1.1 <i>Oficina 1 Que TV eu assisto?</i>	34
3.2.1.2 <i>Oficina 2 Vem cá, eu te conheço?</i>	35
3.2.1.3 <i>Oficina 3 Meu programa favorito</i>	37
3.2.1.4 <i>Oficina 4 Liguem a TV...Vamos estudar!</i>	37
3.2.1.5 <i>Oficina 5 “Tô de olho na TV”</i>	38
3.3 A Televisão que ensina. O Aluno que aprende	39
3.3.1 O Projeto: Dize-me o que comes e te direis quem és.	40
3.3.1.1 <i>Objetivos</i>	40
3.3.1.2 <i>Conteúdos</i>	40
3.3.1.3 <i>Público-alvo</i>	40

3.3.1.4 <i>Tempo estimado</i>	41
3.3.1.5 <i>Materiais necessários</i>	41
3.3.1.6 <i>Desenvolvimento</i>	41
3.3.1.7 <i>Avaliação</i>	44
3.1.1.8 <i>Roteiro para avaliação</i>	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	52
Anexo I: A trajetória das TVs públicas no Brasil	53
Anexo II: Roteiro para análise de programas	55
Anexo III: Leituras Oficina 03	56
Anexo IV: Modelo de análise de programa de televisão	61
Anexo V: Reportagem “Liguem a TV: vamos estudar!”	62

1 INTRODUÇÃO

No contexto social em que se vive, estimulados pelas tecnologias da informação e comunicação, torna-se necessário compreender-se as diversas linguagens que se processam neste universo. Neste sentido, refletir sobre as transformações sociais é uma necessidade que facilita a compreensão da realidade, o desenvolvimento do aprendizado e a inserção social.

Com este projeto visa-se perceber a importância do meio de comunicação televisível como ferramenta de ensino-aprendizagem do professor em sala de aula, capaz de favorecer o desenvolvimento do processo educativo, com vista a garantir um aprendizado significativo aos alunos, visto que a televisão é uma tecnologia presente no cotidiano dos alunos e que de uma maneira ou de outra interfere na formação de opiniões, de valores, de comportamentos, de ideologias, através da informação, da cultura, da educação.

A integração entre as tecnologias e a educação é uma necessidade de nosso tempo, haja vista que estamos constantemente interagindo com celulares, computadores, internet, televisão, ferramentas tecnológicas que propiciam a integração das pessoas e o compartilhamento de tudo que é veiculado por elas, interferindo na concepção de mundo das pessoas.

Essa constatação é pertinente aos paradigmas educacionais porque coloca em xeque a forma de educar da escola no contexto do século XXI, da qual se espera a formação e capacitação do aluno para atuar plenamente na sociedade a que pertence. Para tanto, subentende-se que a escola seja capaz de promover a construção do conhecimento, a qual deve ser mediada pelo professor em consonância com os objetivos do ensino-aprendizagem, integrando conteúdos curriculares ao contexto social.

Ora, o atual contexto social é o da era da informação, permitida graças à revolução dos meios de comunicação. Contudo, o que se vê, ainda, é que na escola essa integração ainda não acontece satisfatoriamente, pois esta não foi preparada para usar meios e mecanismos tecnológicos de nosso tempo na educação. Assim o que se encontram são educandários desprovidos de infraestruturas adequadas a essa nova concepção de ensinar e aprender; professores despreparados e resistentes a essa realidade; pouca ou nenhuma formação para o uso das mídias na

sala de aula; aventuras ousadas de alguns professores que querem suplantar as tecnologias tradicionais para melhoria no rendimento educacional.

Em contrapartida encontra-se alunos com celulares na escola, participando de redes sociais, que jogam *playstation*, assistem e interagem com a televisão diariamente em casa, só para citar alguns exemplos. Esse descompasso tem sido percebido pela escola, a qual pouco tem feito para minimizar essa discrepância entre o contexto extraescolar e a sala de aula, devido, dentre outros problemas, à carência de formação adequada para uso dessas ferramentas, bem como da infraestrutura deficiente.

No que se refere à televisão, foco deste trabalho, em geral, a realidade é de ausência de aparelhos modernos, aparelhos quebrados, falta de espaço adequado, uso improvisado e não planejado do televisor como recursos de aprendizagem, resistência do professor em usá-lo, falta de capacitação para esse fim. Essa constatação refere-se ao uso dessa ferramenta no contexto da Escola Estadual Prof^a Josefa Jucileide Amoras Colares, localizada no bairro Nova Esperança, cidade de Macapá-AP, no que se refere ao uso no ensino fundamental de 1^a a 4^a séries.

Portanto, objetiva-se constituir por meio deste trabalho uma reflexão a cerca da televisão como recurso de aprendizagem no âmbito da terceira e quarta séries da escola supracitada, pois se entende que, pela conexão com a potencialidade das mídias pode-se contribuir eficazmente com o processo educativo, no que se refere à formação do professor enquanto mediador e articulador do ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, com o melhor rendimento do aluno.

Como recurso de aprendizagem será capaz de proporcionar tanto ao professor quanto ao aluno novas formas de ver, analisar e experienciar o conteúdo curricular, fornecendo ao docente, novas possibilidades de abordagem e intervenção pedagógica, constituindo-se como instrumento que pode auxiliar em soluções eficientes para as dificuldades encontradas na aprendizagem dos alunos.

Nesse contexto, são perguntas norteadoras deste trabalho: quais as dificuldades e necessidades dos professores de 3^a e 4^a séries do Ensino Fundamental da Escola Estadual Prof^a Josefa Jucileide ao usar a televisão como recurso de aprendizagem em suas aulas? Esses profissionais veem a televisão como inovação à garantia da qualidade da educação?

A partir dessas indagações considera-se relevante apresentar uma proposta didático-metodológica que oportunize aos professores de 3^a e 4^a séries, da Escola

Estadual Professora Josefa Jucileide Amoras Colares o uso eficaz da televisão como recurso de aprendizagem. Mas para que tal objetivo seja alcançado necessário se faz conhecer a televisão como ferramenta tecnológica com potencial educativo através de pesquisa teórica; refletir sobre a práxis pedagógica; desenvolver uma proposta de ensino-aprendizagem que englobe a televisão como recurso de aprendizagem, bem como, investigar, através de pesquisa teórica, os fundamentos da televisão ligados à educação.

Pretende-se com este projeto constatar que a TV pode vir a contribuir com o professor ou até mesmo substituir matrizes tradicionais de educação, dada a força e potencial que tal meio de comunicação representa, bem como, absorver este instrumento pedagógico como recurso potencializador de saberes nas atividades escolares das séries mencionadas, contribuindo para que a Escola Estadual de Ensino Fundamental Josefa Jucileide possa galgar mais um avanço na qualidade educacional.

Para isso, é importante analisar o conceito de televisão: suas reais dimensões e alcances, bem como os preconceitos e resistências que ainda o cercam e concebê-lo como objeto de investigação. Para tanto, este trabalho será desenvolvido em quatro capítulos.

O primeiro apresenta a caracterização do problema e a justificativa, hipóteses, objetivos da pesquisa e a natureza básica desta.

O segundo discorre sobre o uso da televisão como recurso didático no ensino-aprendizagem. Para tanto se desenvolve pesquisa teórica a cerca dos seguintes subtemas: tecnologias e educação, o poder da televisão, a televisão na sala de aula, o potencial educativo da televisão, a televisão como recurso didático e a mediação do professor visando desvendá-la à luz de estudos teóricos os quais possam referenciar o uso dessa tecnologia em sala de aula.

O terceiro apresenta a proposta de uso da televisão como recurso didático na 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental da Escola Estadual Profª Josefa Jucileide Amoras Colares. Para isso apresenta-se a proposta para o uso eficaz da TV na rotina de sala de aula, em projetos escolares, pedagógicos e educativos.

O quarto trata das considerações gerais sobre a pesquisa, discorrendo a respeito das expectativas a cerca da mudança esperada de atitudes do professor, a partir do projeto de formação continuada do professor e do projeto de aprendizagem, com foco no aluno. Pretende-se oportunizar situações de aprendizagem tanto ao

professor quanto ao aluno, para que se mude a relação entre a aprendizagem e TV no cotidiano escolar.

2 O USO DA TELEVISÃO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM

2.1 Tecnologias e Educação

A sociedade contemporânea vivencia a grande revolução da comunicação. Internet, celulares, dvds, *smartphones*, televisão digital são exemplos de que essa revolução adentrou os lares e suplantou os muros escolares. O que antes era privilégio das camadas sociais mais favorecidas economicamente caiu por terra e hoje, aparatos tecnológicos de diferentes naturezas adentram os lares de pessoas das diferentes classes sociais. Esse fascínio que a tecnologia exerce sobre as pessoas interfere, essencialmente, na forma como um se relaciona com o outro e como se concebe o mundo e, sobretudo como se faz educação.

A junção da informática às mídias eletrônicas inaugurou uma nova época na área da comunicação e interferiu na forma como se adquire conhecimentos e na forma como se vê a educação, pois possibilitou o acesso irrestrito às informações e aos meios de conhecimento.

A incorporação da informática às mídias eletrônicas proporcionou uma revolução nos campos da comunicação e da educação ampliando o sistema informacional e a possibilidade de participação da sociedade na transmissão de conhecimentos e na democratização da informação no país.(FERRAZ;SOLDATI, 2011)

Esse apogeu das mídias fez com que a forma como se pensava educação e mídias também sofresse transformações: o que antes foi visto de modo excludente, hoje é visto como meio de promoção da cidadania, ascensão social e garantia de bem estar. Em outras palavras, “passou-se a enxergar a mídia, a educação e a comunicação, não mais como meio de dominação ou exclusão, mas como partes integrantes de um sistema complexo, mas transformador.” (FERRAZ; SOLDATI, 2011).

Sendo assim, a exploração das tecnologias educacionais no contexto escolar é mais do que necessária, pois reforça a ideia de que a qualidade da educação perpassa pelo uso articulado de diferentes e novas formas de lidar com a produção de conhecimentos. E para isso é válido o uso de metodologias e recursos disponíveis que causem impactos positivos no que tange ao desenvolvimento de

competências como: autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade frente a novas tarefas, assunção de responsabilidades e autoaprendizagem, além do trabalho em grupo e modo cooperativo e pouco hierarquizado (TRINDADE, 1992 apud BELLONI, 2005), as quais são necessárias no mundo competitivo e globalizado em que se vive.

Esses desafios da educação implicam em necessidades de adaptação na estrutura didática e pedagógica da escola. Implica em absorver as mídias com todo seu potencial e tomá-las sob o ponto de vista educativo, “ênfatizando a necessidade do diálogo crítico entre as diferentes linguagens e conteúdos das mídias nas práticas educacionais” (OROFINO, 200, p. 22)

Como a sociedade contemporânea é “mais atendida” será imprescindível focar mais na formação continuada do professor e no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias às novas perspectivas sociais, visto que “as tecnologias digitais trabalhando sobre os eixos das comunicações integradas e da engenharia do conhecimento fazem emergir uma sociedade cognitiva que, em sua banalização e uso constante, tende a causar impactos sociais.” (FERRAZ; SOLDATI, 2011).

É a educação que inspira a tecnologia para a aventura de criar, inventar e projetar nossos bens fugindo aos riscos de facilmente comprá-los. Educação e tecnologia juntas para construir o mundo real sem as visões maravilhosas de um futuro tecnológico utópico e sem problemas. (FONTANA, 2005)

Aliar as tecnologias aos princípios educacionais pode ser um poderoso recurso no que concerne à melhoria na qualidade da educação, que tem padecido de descaso político e ao mesmo tempo é vista como o meio de transformação social, pois desempenha grandiosa relevância no desenvolvimento de um povo, promovendo cidadania e extinguindo as diferenças sociais. Nas palavras de Tedesco (2004:11 APUD RIBEIRO ET AL 2007, p.10) “a incorporação das novas tecnologias à educação deveria ser considerada como parte de uma estratégia global de política educativa”.

Isso porque as demandas educacionais exigem a mudança de paradigmas educacionais e a integração das tecnologias de modo criativo e proficiente, como forma de mediatizar o ensino-aprendizagem, apropriando-se ao máximo do que as ferramentas comunicacionais e pedagógicas têm a oferecer para o processo

educacional: criação de estratégias, metodologias, formação de educadores, produção de conhecimento. (BELLONI, 2005, p. 9)

Face ao exposto, convém justificar que a integração das tecnologias à educação é urgente, visto que estão cada vez mais presentes no universo dos jovens (BELLONI, 2005), mas tampouco cabe o deslumbramento: as ferramentas tecnológicas não são a “tábua de salvação” para os problemas educacionais.

O aumento da adequação e da produtividade dos sistemas educacionais vai exigir, nesta passagem de século e de milênio, a integração das novas tecnologias de informação e comunicação, não apenas como meios de melhorar a eficiência dos sistemas, mas principalmente como *ferramentas pedagógicas* efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo. (BELLONI, 2005, p. 24)

Trata-se de reconhecer a importância das tecnologias como fator positivo para uma educação de maior qualidade. Em outras palavras, reconhece-se que as tecnologias, por si só não modificam a realidade, elas precisam servir de mediatização entre os objetivos do ensino-aprendizagem e o que se pretende ensinar – o currículo – para que os objetivos pretendidos sejam alcançados. A integração das tecnologias à educação, nesse sentido, implica:

[...]de um lado a seleção dos meios apropriados para determinada situação de ensino e aprendizagem, considerando os objetivos pedagógicos e didáticos previamente definidos, as características da clientela e acessibilidade ao meios; e de outro, a elaboração de um discurso pedagógico adequado a estes componentes e às características técnicas dos meios escolhidos. (BELLONI, 2005, p.26)

Portanto, conhecer essa tecnologia implica em desvendá-la em sua história, trajetória, possibilidades e potencialidades de uso, para que, assim, possa-se melhor aproveitá-la dentro um projeto pedagógico.

2.1.1 A televisão no Brasil

É importante conhecer a trajetória da televisão brasileira, para que se possa agir com atitude, com foco na ação transformadora do processo educativo. Sem conhecer a histórias, as ações do educador poderão ser efêmeras, descontínuas e com poucos impactos na sociedade.

A compreensão da história possibilitará ao docente uma ação transformadora no processo ensino-aprendizagem e dará subsídio ao mesmo para repensar as relações sociais existentes nas instituições, tanto de Educação Infantil e Fundamental como de Ensino Médio e Superior. (SOARES, 2008, p. 54)

Foi nos anos 50 que a televisão consolidou-se no Brasil. Organizada ainda em caráter de aventura, buscou em profissionais do rádio, do cinema, do jornalismo e do teatro, recursos humanos que pudessem compor o rol de personagens da programação, ainda em fase de experimentação. A TV Tupi foi o primeiro canal de televisão, fundado por Assis Chateaubriand aqui no Brasil.

Nos anos 60, com a melhoria nas técnicas nasce o videotape – VT – permitindo que erros de gravação fossem corrigidos antes dos programas irem ao ar e que esses últimos fossem gravados em horários diferentes do horário da exibição. Foi nesse período que surgiram novos canais de televisão como a TV Bandeirantes, a TV Record, a TV Cultura, a TV Globo do Rio de Janeiro, mais tarde Rede Globo e a TV Excelsior. Esta última inovou com a produção de telenovelas e buscava a industrialização dos produtos televisivos e a valorização dos profissionais que atuavam na área.

A década de 70 inaugura a transmissão em cores da televisão brasileira e a Rede Globo firma-se no mercado como detentora de maior audiência no país, investindo em um padrão técnico de alta qualidade, como foco em uma programação que cativava o público e com objetivos puramente empresariais. Consolidou-se, nesse período, como o único meio de informação para milhões de pessoas.

Na década de 80, com o fim da TV Excelsior e da TV Tupi, nascia o Sistema Brasileiro de Televisão, em 1981, do grupo Silvio Santos e a TV Manchete, de Adolpho Bloch, dois anos depois. Somente em 1989, a TV Record passou ao domínio do empresário-bispo, Edir Macedo. Com o fim da censura, a TV ganhou nova roupagem e mais liberdade para firmar-se com hegemonia no mercado da informação. Segundo Fontana (2005), “a televisão não transmite o mundo, agora ela fabrica mundos”, uma referência à mudança na relação entre a televisão e seu público.

Com a chegada dos novos proprietários, os canais de televisão – SBT, Manchete e Record – passaram a disputar a audiência, cujo domínio era exclusivo da Rede Globo e essa passa a não ser mais a única formadora de opiniões. A

estabilização da economia fez com que as classes mais baixas tivessem acesso ao televisor, o que configurou, também, uma mudança no produto ofertado pela televisão, cujo foco passou a ser sensacionalista, exibicionista, de apologia à sexualidade e à violência.

Na atualidade, a televisão é uma verdadeira fábrica de sonhos. Não se limita a transmitir ou produzir, mas propicia, também, a interação entre o telespectador, o apresentador e o produto, graças ao advento da internet, com a qual divide seu público e a partir da qual projeta novas formas de absorver audiência. É a época da televisão metalinguística: não se abstém de mostrar o que acontece por trás das câmeras, ao invés disso, usa desse subterfúgio para conquistar adeptos. De acordo com Fontana (2005) “Já não se sabe quando a televisão transmite a realidade, ou a ficção. As pessoas enxergam o ficcional como real e o real como ficcional, por exemplo, quando assistem telenovelas.”

Percebe-se que a relação da televisão com o telespectador foi mudando ao longo do tempo e consolidou-se como a tecnologia que mais está presente nos lares brasileiros. Firmou-se como elemento indispensável não só segmento do entretenimento, como também interferiu na forma como o sujeito concebe-se e vive o mundo: produzindo ideologias, apresentando tendências, transmitindo informações.

Por isso, é importante que a televisão seja desvendada, analisada, confrontada e interpretada aos olhos do contexto educacional, visto que ela estabelece um diálogo entre gerações e tem o poder de transformação de uma consciência mais passiva para uma mais crítica.

2.2 O Poder da Televisão

A explosão das novas ferramentas de informática e demais mídias eletrônicas não diminuiu a importância da televisão e do vídeo, nem no contexto social, muito menos no contexto educacional. Junto com as demais mídias, a TV também evoluiu, buscando atender a esse novo público, cada vez mais exigente e mais sedento de tecnologias.

A grande capacidade de velocidade na transmissão de notícias e informações atrelada ao sistema digital e a conexão à internet, torna a TV

uma tecnologia estrategicamente importante para o país no que diz respeito à almejada inclusão social. (FERRAZ; SOLDATI, 2011)

A televisão é um dos principais meios de comunicação de massa e está presente cotidianamente na vida das pessoas. Há quem tenha uma rotina delineada a partir da programação da televisão. Não há como negar: a televisão exerce influência sobre a vida das pessoas, conforme afirma Citelli (2002, p.17), “em maior ou menor grau nossas formas de ver e de sentir sofrem influências das sequências fragmentadas, da rapidez, da linearidade, da presença marcante da imagem”.

Isso denota que a televisão está diretamente relacionada à forma de pensar, de ver o mundo. As atitudes e comportamentos do indivíduo, de uma forma ou de outra sofrem influência daquilo que se vê no televisor. Segundo Fontana (2005), esse fato está relacionado ao antigo hábito humano, que consistia em observar, contemplar a natureza em busca de respostas, distrair-se, buscar conhecimento e satisfação.

Moran ao falar sobre a linguagem da televisão e do vídeo descreve o fascínio que essas tecnologias exercem sobre nós: “Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras”(MORAN, 1995)

Em geral, os apelos da televisão são apresentados em produtos como propagandas, telenovelas, telejornais, programas de variedades, debates, desenhos animados, programas de auditório, programas esportivos que são pensados para atender à incessante busca do homem de comunicar-se, de encontrar respostas e aos ideais empresariais que visam, essencialmente, o lucro. De acordo com Gentile (2006): “Eles podem ser usados para introduzir conteúdos, aprofundá-los ou ilustrá-los ou para debates sobre comportamento e ética”.

Isso denota que o poder da televisão pode atender aos objetivos da educação, servindo para atender às necessidades de formação que a sociedade exige.

Que “uma imagem vale mais do que mil palavras” não é segredo para ninguém. O poder da televisão reside justamente na sua linguagem:

A televisão e o vídeo seduzem pela linguagem superposta, que interage interligada, somada e não separada das expressões sensoriais, da linguagem falada, da linguagem escrita e da linguagem musical, assim sendo, é uma comunicação sensório-cinestésica poderosa, isto é, uma

comunicação de mensagens que alcança a todos por meio dos sentidos e pela percepção do próprio corpo. (DORNERLES ET AL, 2006)

Para Fontana (2005), “as imagens nunca são gratuitas nem estão sozinhas. Quando aparecem para que o homem as veja, servem de meio de ligação com outro mundo, que é o imaginário da sociedade.” É nesse contexto que se situa a televisão, tecnologia capaz de agregar várias linguagens na construção de mundos imaginários, de sonhos, de fantasias, que corroboram com as ideologias que subjaz a produção dos mesmos.

A TV conecta pessoas, transmite informações e interliga setores sociais que interferem na vida de pessoas. Se a televisão é um canal com tão grande poder de interferência na vida das pessoas, por que então não usar isso a favor da educação? Sendo parte da cultura midiática, a televisão privilegia a imagem, o som, o movimento e as cores, numa sinestesia que envolve. Nas palavras de Gadotti (2005, p. 24) pode-se entender esse poder: “Nossas crianças diante de um aparelho de televisão, sentem-se como se estivessem conectados com o planeta; sentem-se como cidadãos do mundo, habitando uma aldeia global.”.

Ao comparar a televisão, no passado, à pintura, à fotografia, ao cinema percebe-se que ela constitui uma forma de representação de mundos marcada pela imagem. E foi sob essa condição que adentrou as salas de aula. Contudo, a televisão a qual a maioria da população tem acesso é a da passividade, daí a importância de tê-la como aliada na formação do sujeito, mas para tanto deve ser acompanhada “por uma *pedagogia da comunicação* (sic) de *dos meios* (sic) que a analise criticamente.” (GADOTTI, 2005, p. 24-25).

2.3 A Televisão na Sala de Aula

O uso didático da televisão está relacionado ao advento do cinema, que trouxe a possibilidade de exibição de filmes educativos para as salas de aula. “A possibilidade de uso do cinema como instrumento pedagógico, doutrinário ou de propaganda estava colocada, no início do século XX, em vários países do mundo e independentemente da ideologia que professavam”. (CATELLI, 2003)

Entretanto, a recepção do audiovisual como aliado pedagógico não se deu tão naturalmente. Naquele momento, pensar este instrumento em sala de aula era

motivo de desconfiança por parte dos educadores, pois era considerado como “uma afronta à educação formal, uma vez que se mostrava muito mais atrativo do que as aulas tradicionais.” (SILBIGER, 2005).

Com o avanço da tecnologia e popularização do cinema, as escolas já não podiam ignorar a força dessa inovação tecnológica, que interferia profundamente no processo de percepção emocional e racional da realidade. A partir daí, com o surgimento de várias filmotecas, o cinema educativo ganhou força e com o advento da televisão, a qual se consolidou no Brasil a partir da década de 70, um novo canal de comunicação para produtos educativos audiovisuais surgia. A televisão ganhou fôlego e o cinema educativo desfaleceu.

Com ousadia, alguns professores arriscaram-se e usaram filmes como recurso didático na sala de aula. Com o passar dos anos e o aprimoramento das primeiras experiências, o audiovisual, por fim, foi reconhecido como um meio educativo em potencial.(SILBIGER, 2005)

Vista desse modo, a televisão está intimamente interligada ao cinema e ao vídeo, devido à própria origem e às suas concepções econômicas e empresariais. A televisão consolidou-se como a ferramenta tecnológica mais popular dos meios de comunicação, estando presente em quase todas as residências do país.

“A televisão introduz em nossas casas o mundo e nos liga instantaneamente a ele” (GADOTTI, 2005, p. 24) e sendo um meio de comunicação de massa é capaz de interferir na formação psicossocial do sujeito, pois sua cultura é a do envolvimento, da sedução e embora tenha um grande potencial educativo ainda é pouco explorada na escola.

Como ferramenta pedagógica apresenta um leque de possibilidades de uso, trazendo em seu bojo a possibilidade de transversalidade e da interdisciplinaridade, configurando-se como tecnologia, com a qual se pode redefinir a práxis educativa.

A imagem é hoje a forma superior de comunicação. E, contrariamente ao que tem acontecido com a escrita e com o livro, que não têm conseguido substituir a linguagem, hoje estamos diante de uma técnica que tende a generalizar sua supremacia. Já não se trata apenas de uma elite ou de uma minoria de privilegiados ou de especialistas que se vê afetada por esse fato, mas da massa do povo, da humanidade, já que serão nações inteiras as que passaram, talvez, da cultura da palavra à cultura da imagem sem passar pela etapa intermediária da escrita e do livro. (SILBIGER, 2005)

O hábito de assistir televisão é tão comum para os alunos, que estes passam horas na frente da televisão, absortos, inertes, presos pela programação que, cada vez mais busca esse plugue, esse consumo de seus produtos. Para Nagamini (2002, p. 29) “O impacto dos veículos de massa na vida do aluno, assim como a influência que exercem nos modos de recepção e interpretação do mundo são fatores que justificam uma abordagem pedagógica desses veículos.”.

Assim sendo, uma abordagem pedagógica da televisão é possível, porque a escola configura-se como ponto de encontro de sistemas simbólicos e condições materiais a partir dos quais se constrói nossa representação de mundo.

Entretanto, para que a proposta aqui delineada tenha sucesso é preciso considerar os contextos que envolvem o uso da televisão como ferramenta pedagógica na escola, para que se reflita sobre a realidade, com vista a provocar adaptações e um planejamento coerente com a realidade educacional da escola.

2.4 O Potencial Educativo da Televisão

Se antes do advento da tecnologia da informação a escola já tinha dificuldades em desenvolver práticas eficientes de ensino-aprendizagem, hoje se pode dizer que esse problema ganhou novas roupagens, haja vista que há a necessidade de se dominar o uso de ferramentas tecnológicas, como a televisão, e trazê-las para o contexto educacional de forma a desenvolver metodologias que contribuam para uma educação eficaz.

[] a proposta para uma educação tecnológica vê na tecnologia não um fim em si mesma, mas sim um poderoso meio para a resignificação do mundo através da produção de conhecimento e para o investimento na autoria de crianças e adolescentes. (OROFINO, 2005)

Nem é preciso salientar que a educação não é papel só da escola. O que se vê são alunos cada vez mais próximos da televisão, passando a maior parte do tempo em frente a ela, educando-se, vivendo experiências sensoriais, interagindo com programas de TV, aceitando produtos e absorvendo informações, muitas vezes sem haver nenhum questionamento, sem antes ser analisado por outro ângulo que

não aquele proposto pelas mídias. Isso mostra que, embora o sujeito esteja em contato com informações, nem sempre essa se transforma em conhecimento.

Se a televisão é capaz de atrair tanto e de educar, positiva ou negativamente, cabe à escola, então, usar desse recurso para desenvolver práticas eficientes e melhorar a qualidade da educação.

Conforme ressalta Baccega (2000) in Berno (2003, p.95):

(...) (sic) a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais.

Mas para que a televisão atenda essa necessidade educacional é preciso compreendê-la sob o ponto de vista de seu poder de comunicação. Ao citar Sanvisens (1984), Silbiger (2005) explica que “denominamos comunicação um fato humano e social que se manifesta como transmissão comunicativa de umas pessoas a outras, proporcionando-lhes ideias, saberes, habilidades, normas e pautas de conhecimento e conduta”. Ora, todo processo de comunicação implica uma troca, uma interação, um aprendizado.

É preciso compreender que “comunicação”, do latim *communis* implica “público, geral, compartilhado por vários”, o que justifica, dessa forma, a natureza comum entre comunicação e educação: a interação que as pessoas fazem entre elas e entre elas e o mundo.

A partir desse pressuposto, aliado à teoria da interação de Vigostsky, percebe-se que o valor da cultura e do contexto social, vislumbrados pelo conteúdo televisivo, do qual a criança já tem conhecimento, ajuda-a no processo de aprendizagem, pois ela desenvolve suas potencialidades quando interage o mundo. E a televisão faz parte desse mundo e apresenta-lhe, também outro mundo. Para Präss (2012) “As interações que favorecem o desenvolvimento incluem a ajuda ativa, a participação guiada ou a construção de pontes de um adulto ou alguém com mais experiência.” E essa relação deve ser mediada pelo professor.

A televisão como veículo de comunicação oportuniza ao professor o planejamento de atividades que favoreçam a interação do aluno com o mundo, a

partir de uma linguagem peculiar ao seu universo, dado que este já interage com a televisão em seu ambiente familiar. É nesse contexto que a televisão aparece como meio didático na sala de aula.

Sabemos que a *praxis* comunicativa é um ato pedagógico, ou seja, é um ato de produção de sentido e de cultura na formação do sujeito. E toda *praxis* pedagógica é uma ação comunicativa, ou melhor dizendo, é um ato de transmissão de valores e referenciais de conduta na formação do sujeito. Ambas práticas atuam na formação do educando(OLIVEIRA, 2008)

Assim, a práxis pedagógica, sob uma perspectiva comunicacional, contempla as interações que os sujeitos estabelecem entre si, a partir de seu contexto cultural, histórico e social e por isso, não podem excluir a televisão, como principal meio de comunicação de massa do contexto educacional. Nas palavras de Nagamini (2002, p. 30), “uma abordagem pedagógica da Televisão pode mudar o rumo das discussões que giram em torno de dela. Críticas tanto pró como contra devem ser reavaliadas [...]”.

O conteúdo televisivo oferece um cardápio variado de programas, filmes, propagandas que pode servir como mecanismo de estímulo à aprendizagem, os quais delineados a partir de projetos pedagógicos podem cativar os alunos e propiciar um envolvimento mais consistente com os propósitos curriculares.

Além disso, a televisão é lúdica e propicia à criança e ao adulto a fuga do plano real para o fantástico, para um plano idealizado. Em entrevista à revista Nova Escola (ago/2007), Regina de Assis¹ fala a respeito do envolvimento das crianças para com televisão. Ao ser perguntado por que as crianças amam televisão, ela responde:

Porque ela é lúdica. A criança suspende facilmente a relação com a realidade. Todo o tempo ela mescla fantasia e imaginação com o mundo real. Pesquisas mostram que é insuportável para ela viver o tempo todo ligada à dura realidade das coisas. E isso vale também para nós, adultos, o que explica por que gostamos de ver a novela ou ler um romance. Mas a criança gosta de ver televisão porque tem necessidade de brincar

Ao referir-se ao brincar, Almeida (2005) salienta que no ato de brincar há simbologias que representam outra coisa daquilo que aparentam ser. O lúdico

¹ Regina de Assis é mestra e doutora em Educação, presidente da Multirio e produtora de mídias da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

permite à criança e ao adulto a recriação e reflexão dos acontecimentos que lhes originaram, embora saibam que estão apenas brincando. Na atividade lúdica os papéis se invertem e as crianças transformam conhecimentos em aprendizagem gerais, além de contribuir para internalizar modelos dos adultos.

É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações. (ALMEIDA, 2005)

Assim, é na relação lúdica entre a criança e as cenas da televisão que o conhecimento se processa, e é nesse contexto que a intervenção do professor é necessária.

É claro que para isso, a escola precisa focar na capacitação do professor, visto como mediador do processo ensino e aprendizagem, pois para capacitar sujeitos capazes de interagir crítica, ativa e conscientemente é preciso que os professores sejam capazes de operacionalizar os elementos tecnológicos a favor de seu planejamento.

Assim, talvez velhos problemas educacionais, como a falta de interesse, a indisciplina, a falta de envolvimento e mesmo de compreensão, poderão ser minimizados, pois o papel do professor ganha outra dimensão. O professor passa a ser o mediador e o aluno passa a construir seu conhecimento. Citelli (2002, p. 26) destaca que:

Os sistemas multimidiáticos, calcados em formas integrativas e interativas que possibilitam ao aluno construir 'programas de aulas' situará o professor noutro patamar, que poderá ser até melhor, a depender da determinação e vontade dos envolvidos.

2.5 A Televisão como Recurso de Aprendizagem e a Mediação do Professor

Para que a televisão seja incorporada às práticas educacionais com todo seu potencial é preciso que se conceba a figura do professor como protagonista dessa relação, uma vez que é ele quem estabelece e define, por meio de seu planejamento, a inclusão dos recursos didáticos no desenvolvimento da aula e demais projetos educativos.

[...]é cada vez mais necessário ampliarmos as mediações escolares por meio de novos enfoques pedagógicos que visem um consumo cultural crítico e que possibilitem a criação de estratégias de uso destes meios para fins de construção da cidadania ativa, participativa, atuante no contexto da comunidade na qual a escola se insere (OROFINO, 2005, p.32)

Portanto, é de esperar que a realidade da televisão no contexto escolar passe pelo querer do professor, que pode aderir com primazia ou rejeitá-la, conforme seu entendimento. Isso porque o professor muitas vezes sente-se “despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação das TICs² ao cotidiano escolar” (BELLONI, 2005, p.27) Como não há educação de qualidade sem a formação do professor, é importante fazer uma reflexão a respeito desse pilar essencial na educação.

A respeito do uso das tecnologias na sala de aula, Ribeiro (2007) nos leva a refletir sobre isso:

Mas, como a escola pode capacitar os jovens se a formação inicial e continuada dos gestores e professores também não os prepara para isto? Como os professores e diretores podem ampliar o potencial do seu trabalho escolar por meio de recursos tecnológicos se eles pouco sabem de suas potencialidades e limites? Por que, quando e como utilizá-las para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na sua disciplina e junto com outros professores de forma interdisciplinar e contextualizada?

Sabe-se que há muito o televisor está presente fisicamente nas escolas, entretanto seu uso ainda não é uma realidade patente, pois embora faça parte do acervo de materiais didático-pedagógicos da escola, o que se vê é a inércia dessas tecnologias. Empoeirados, quebrados ou usados como objetos de decoração não cumprem o papel desejado na prática educativa.

Ora, a escola não foi preparada para lidar com essas tecnologias, cujo uso adequado esbarra na resistência do professor que, acostumado às práticas tradicionais, como o uso do livro didático e do giz, por exemplo, sente-se ameaçado ou incapacitado para desbravar essas ferramentas tecnológicas nos novos rumos educacionais.

Ao analisar essa situação, Prado (2010) salienta que:

² Tecnologia da Informação e Comunicação

o professor que, confortavelmente, desenvolvia sua ação pedagógica tal como havia sido preparado durante a sua vida acadêmica e em sua experiência em sala de aula, se vê frente a uma situação que implica novas aprendizagens e mudanças na prática pedagógica.

Isso significa que o uso eficaz da televisão como tecnologia prescinde de uma metodologia que a englobe de forma integrada e não meramente justaposta, ou seja, não apenas superficial. Para isso é importante conceber uma prática pedagógica por projetos, a qual subtende o planejamento de atividades de forma pensada, articulada para atender os objetivos educativos. De acordo com Prado (2010)

A pedagogia de projeto, tendo como enfoque a integração entre diferentes mídias e áreas de conhecimento, envolve a inter-relação de conceitos e de princípios, os quais, se não tiverem a devida compreensão, podem fragilizar qualquer iniciativa de melhoria de qualidade na aprendizagem dos alunos e de mudança da prática do professor.

A escola não precisa só compreender, mas reinventar-se e ser capaz de capacitar o professor para usar as mídias a seu favor, como facilitadoras da aprendizagem: “a televisão está presente na escola não tanto por aparatos físicos, mas pela cultura de uma geração de jovens que compartilha a mesma cultura audiovisual que enfatiza a emoção, o interessante, o inesperado, o entretenimento.” (FONTANA, 2003)

É de notar, entretanto, que o professor na tentativa de aderir ao uso de ferramentas tecnológicas às vezes acaba usando-as de forma equivocada, sem nenhum planejamento ou simplesmente por que têm que usar. Dessa forma, as ferramentas tecnológicas não contribuem para o que se espera: a melhoria no rendimento escolar dos alunos.

É uma necessidade pungente dos filhos do século XXI, de estarem conectados, informados e isso exige uma mudança de postura da escola. A incerteza e a inexperiência de professores no que se refere ao uso das tecnologias em sala de aula, aliadas à falta de formação, favoreceu por muito tempo o adiamento dessa mudança. Ocorre que hoje, é mais do que necessário capacitar o professor, de forma que possam usar com segurança e eficácia esses meios midiáticos nas aulas. “A integração das tecnologias de TV e vídeo ao processo de ensino-aprendizagem requer do professor desempenhar nova função – a de protagonista dessa integração.” (FONTANA, 2003).

Os alunos, também formados pela televisão, e com ferramentas tecnológicas de interação a sua disposição, seja em casa, seja na rua, seja na própria escola estão mais exigentes e não se conformam em usar a televisão como recurso paliativo, tapa-buracos, sem quaisquer conotação educativa. Isso faz com que percebam que a escola está indo na contramão de seus hábitos, de suas vivências, de suas experiências.

As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo. (MORAN, 2005)

A escola que se resumia à apresentação de temas voltados para os conteúdos curriculares perdeu espaço e foi envolvida pela tecnologia da informação. Os alunos agora comentam, opinam, referem-se, em sala de aula, a temas discutidos nas mídias – redes sociais, televisão, rádio, dentre outro. Nesses termos, a escola foi tragada pela necessidade de discutir a realidade ou, pelo menos, a realidade veiculada pelas mídias. E não pode mais omitir-se ou negar essa realidade. Os conteúdos curriculares devem preencher a necessidade do aluno como sujeito social, que vive numa sociedade em constante transformação. Baccega (1997) apud Oliveira (2008) salienta que:

O ambiente escolar deixa de ser o lugar privilegiado, sacralizado de acesso à informação e ao conhecimento e passa a ser um espaço onde o aprendente desenvolve a capacidade de inter-relacionar informações construindo e reconstruindo conhecimentos.

O vídeo e a televisão estão intimamente ligados e configuram opções de mudança na abordagem das aulas. Ao assistir a um produto audiovisual, seja um vídeo, seja um programa de TV, o aluno muda a concepção que tem de aula. Esta passa a ter a conotação de lazer, diversão, entretenimento, a ponto dos alunos dizerem que não teve aula, só “filme”.

A mudança de postura do professor abre caminho para uma abordagem mais satisfatória de conteúdos, aumentando a perspectiva de maior envolvimento entre aluno, professor e objeto de ensino, para melhoria no rendimento escolar. Nas palavras de Fontana (2003): “Incorporar TV e Vídeo significa introduzir outra

linguagem, outro modo de pensar e perceber, num espaço em que as atividades se apoiam muito mais nas linguagens escrita e falada.”.

Isso porque a linguagem audiovisual envolve o sensorial, o sinestésico, mexe com as emoções, com o encantamento, com sonhos e provoca significações que mesclam imagem e sensibilidade, embora se apoie no discurso verbal e escrito.

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.(MORAN, 1995)

2.6 A Televisão e os Desafios da Escola

Com uma linguagem que mistura emoção, encanto, fantasia, ficção, projeção de vida, a televisão é um dos principais meios tecnológicos de entretenimento, diversão, de acesso à cultura e à informação de nossos jovens (NUNES, 2011). Por causa disso, é tida como meio de comunicação capaz de promover a inclusão social e uma mudança na forma como se educa na escola.

Sob esse enfoque, a televisão constitui-se um recurso didático capaz de oportunizar novas formas de mediatização na relação entre professor, conteúdos curriculares e aluno, extrapolando o tradicionalismo que permeia as atividades escolares e redesenhando uma nova prática educativa, com foco nas aptidões naturais e nas necessidades socioculturais dos alunos.

Essa afirmativa encontra respaldo nas palavras de Citelli (2002, p.19):

Os alunos vivem uma intensa relação com as linguagens e o conhecimento não sistematizados pelo discurso pedagógico e promovem uma circulação que resulta em discussões, troca de experiências, estratégias de socialização, que, contudo, se obliteram e preferem a zona do silêncio no momento sacralizado da aula.

Percebe-se que as relações do aluno com a televisão são muito significativas, pois o aluno faz com o conteúdo adquirido via televisão aquilo que se espera que ele aprenda na escola, isto é, o aluno aprender a posicionar-se, a argumentar, a interagir, expressar opiniões de forma natural sem a mediação de ninguém. Entretanto, essas posturas podem não ser aquelas esperadas pela sociedade, uma

vez que a televisão tem duas faces: tanto manipula quanto oferece condições de formação.

Entende-se que o conteúdo televisivo pode e deve fazer parte das aulas, como forma de enriquecer conteúdos, ampliar o repertório cultural e linguístico, promover debates, análises, despertar interesse, dentre outros fins que o professor pode definir em seu planejamento de ensino. Entretanto, não é o que vem acontecendo na realidade escolar.

Embora a televisão, através da imagem, da música, da emoção, da sensibilidade, de sua linguagem cada vez mais híbrida, apresente produtos que, certamente, favorecerão o melhor aproveitamento das informações veiculadas por esses canais na construção de um sujeito mais ativo, mais crítico, mais exigente, o professor ainda não consegue usar com propriedade esse tecnologia em sala de aula.

Ao citar Campos (1993), Soares (2008, p. 48) faz a seguinte reflexão:

A tecnologia educacional não se resume simplesmente a utilizar meios, indo além desses limites. O seu papel no processo ensino-aprendizagem deve ser o de instrumento que irá mediar o saber, o saber ser e o saber fazer entre o educando e o mundo, entre o educando e a educação, isto é, uma ferramenta que possibilite educando e educadores redescobrir e reconstruir o conhecimento.

Dessa forma, um dos grandes desafios da escola é saber aproveitar a televisão como ferramenta pedagógica de grande potencial educativo, superando “o descompasso existente entre o estrito discurso pedagógico e as linguagens não institucionais escolares” (CITELLI, 2002, p. 21). Ou seja, a escola deve buscar mecanismos que ampliem as possibilidades de uso dessa ferramenta em sala de aula tais como a aquisição de equipamentos, ambiente adequado e, principalmente, focar na formação de professores e na pedagogia de projetos.

Outro grande desafio é convencer professores acostumados a ministrarem suas aulas como aprenderam: usando o giz, a voz e o livro didático a aderirem às novas tecnologias. Os que se aventuram nessa jornada a fazem, geralmente, pela vontade e intuição, com pouca ou nenhuma formação específica. Nas palavras de Citelli (2002, p. 22), “ao evidente impacto da televisão, não corresponde necessariamente um olhar da escola instruído pela perspectiva da leitura crítica do meio”.

Embora a televisão tenha uma linguagem sedutora e abra um leque de possibilidades à espera da criatividade do professor, o que se constata é que essa ferramenta ainda está presente na escola apenas fisicamente, não há um desenvolvimento de ações pertinentes à integração da televisão ao processo educativo. Soares (2008, p.48) recorre a Rocha e Santos (1994), para afirmar “ser indiscutível a necessidade de interessar, treinar e formar professores para que participem deste desenvolvimento.”.

Sabe-se que, apesar da existência de recursos tecnológicos nas escolas [...] do país, esses têm sido pouco explorados pedagogicamente, tanto pela ausência ou inconstância de processos permanentes de capacitação, quanto pela resistência à inovação por parte de muitos professores que, ao temerem o “novo”, preferem manter as tradicionais formas de ensino centradas na transmissão de conteúdos. Os gestores da escola, por sua vez, tampouco conhecem as tecnologias e seu potencial de apoio às atividades pedagógicas.

Isso denota que à evidente busca pela formação, pois esta se faz necessária à mudança de atitude do professor em sala de aula, a escola pode encontrar outro desafio: a falta de referenciais didáticos, ou seja, modelos, livros, projetos que sirvam como parâmetros para que o professor sinta-se encorajado a incluir a televisão em seu planejamento de ensino.

Sabemos que os televisores passaram a ocupar um lugar na escola, que não é o mesmo ocupado nos nossos lares. A programação transmitida é a selecionada pela escola, ou seja, não foi uma abertura para a entrada da TV em sala de aula com o objetivo de formar telespectadores críticos. Para a escola formar telespectadores competentes na leitura televisiva, a TV deve entrar na sala de aula assim como ela é, onde a seleção dos conteúdos quem faz é o telespectador e seu controle remoto. O trabalho do professor diante disso, é expor a programação da TV ao estudo, à interpretação e à avaliação juntamente com os alunos, desvendando o que o leitor sem competência não consegue ver. (SOARES, 2008, p.56)

Essas colocações são pertinentes porque possibilitam a reflexão sobre o contexto escolar e suas nuances, no que tange ao efetivo uso de ferramentas tecnológicas na sala de aula. Faz-se necessário ler a mensagem televisiva para além da tela e desvendá-la das ideologias que estão por traz dela. Quando se entender a televisão como fonte de conhecimentos é que esta poderá adentrar a sala de aula, para que contribua com a formação de seus telespectadores, para que “saibam diferenciar ficção de realidade, que consigam entender os objetivos, as

estratégias de produção, a ideologia que permeia os programas de televisão e ainda o papel que ela exerce no contexto brasileiro atual.” (SOARES, 2008, p. 55)

Para isso, considera-se como foco deste trabalho “o material veiculado pela TV como possibilidade de conhecimento, como estímulo à busca de informações e discussões entre os alunos.” (SOARES, 2008, p. 55), pois se entende que a televisão usada apenas como recurso de apoio não corresponde ao verdadeiro papel que se espera da escola: a formação para a reflexão, para a análise, para a crítica.

Daí a importância de projetos como este, que consideram esse cenário para a elaboração de uma proposta que venha ao encontro das necessidades educacionais de nosso tempo, que vislumbre uma didática para a liberdade de pensamento e para a ação. “O trabalho do professor diante disso, é expor a programação da TV ao estudo, à interpretação e à avaliação juntamente com os alunos, desvendando o que o leitor sem competência não consegue ver.” (SOARES, 2008, p. 56).

Assim sendo, a realidade que se configura na Escola Estadual Prof^a Josefa Jucileide Amoras Colares ressentem-se de propostas dessa natureza, que foquem numa educação para as mídias dentro do contexto de sala de aula, que seja capaz de transformar a rotina tradicional em momento de interação, compartilhamentos, trocas e construção de conhecimento. Para tanto, necessário se faz a formação dos educadores.

3 PROPOSTAS DE UTILIZAÇÃO DA TELEVISÃO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM

A proposta de intervenção aqui delineada pretende alcançar os ideais de educação para a televisão, vislumbrados na análise teórica. Será organizada visando atingir dois planos: a formação do professor e a formação do aluno, enquanto sujeito do processo educativo, tendo como foco a televisão como recurso de aprendizagem na Escola Estadual Profª Josefa Jucileide A. Colares.

3.1 Apresentação do Lócus

A Escola Estadual Profª Josefa Jucileide Amoras Colares está localizada no bairro Nova Esperança, cidade de Macapá. Atende uma clientela de aproximadamente 800 alunos, distribuídos em três turnos, nas modalidades Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

No que diz respeito às turmas de Ensino Fundamental inicial, apresenta alunos de 2º ano a 4ª séries – a escola ainda encontra-se com turmas de ensino fundamental de 8 anos – assim distribuídos em: 02 turmas de 2º ano, 02 turmas de 3º ano, 02 turmas de 3ª série, 02 turmas de 4ª série, as quais funcionam no turno matutino, apenas.

Quanto ao espaço, a escola atualmente passa por obras de reforma e ampliação, mas pode-se contar com: 11 salas de aula, 01 sala para TV Escola e outras mídias, 01 sala de leitura/biblioteca, 01 secretaria, 01 sala de professores/coordenação pedagógica, além de cozinha, refeitório e banheiros. Ressalta-se que o uso das salas ambientes, secretaria, coordenação pedagógica, diretoria, depósitos, sala de professores estão funcionando de modo improvisado.

No que tange ao acervo tecnológico, a escola conta com: 20 computadores para uso do LIED, 02 televisores analógicos, 01 aparelho reproduzidor de DVD, 01 caixa amplificadora, 03 *datashows*, 01 tela de projeção, 01 computador com impressora para uso dos professores e coordenação pedagógica, 02 *notebooks*, 05 *microssitens* com entrada para cabo USB.

3.2 A Formação do Professor

Durante a pesquisa teórica constatou-se a necessidade de capacitar o professor para mediatizar a construção do conhecimento pelos alunos a partir da interação com a televisão.

[...]não basta apenas os meios de comunicação – e a televisão especificamente – mudar seu modo de mostrar o mundo, mas educadores e educadoras também deverão rever seu modo de se “apropriar” do que estes veículos despejam sobre nós e selecionar esta ou aquela informação, fazendo com que a mesma tenha sentido em sua vida. (BERNO, 2003, p.6)

Por isso, a primeira parte da proposta consiste na organização de um curso de formação continuada para os professores-alvos deste trabalho no que tange ao uso da televisão como recurso de aprendizagem.

3.2.1 Curso de formação continuada: Professor Ligado!

O curso será realizado em cinco oficinas, as quais terão a duração de 2 a 3 horas, cada uma. E deverão ser realizadas no contraturno dos professores envolvidos. A expectativa é que essa iniciativa possa corresponder à lacuna na formação do professor no que concerne à capacitação para o uso das mídias em sala de aula, em especial, da televisão, pois ao realizar os estudos teóricos constataram-se as necessidades de repensar a prática pedagógica e de apropriar-se do potencial educativo da televisão.

Os nomes das oficinas foram pensados como forma de chamar a atenção do professor para o que se propõe no curso: uma reflexão a respeito do conteúdo da televisão aberta. São programas, novelas, propagandas, filmes, esportes, desenhos animados, dentre outros que os alunos da escola pública têm acesso diariamente que mais impactam em suas vidas. Daí a escolha dos conteúdos da televisão aberta para o desenvolvimento do projetos aqui apresentados.

3.2.1.1 Oficina 1

Que TV eu assisto?

A primeira oficina tem como foco central o reconhecimento da televisão como meio de comunicação que educa e que, também, deseduca. Tem como objetivos provocar a reflexão do professor sobre a prática de ver televisão, levando-o a analisar os programas que costuma assistir por outros pontos de vista. A instigar essa reflexão pretende-se que o professor desperte para a importância de comportar-se como um sujeito crítico perante a programação da televisão e, assim, passe tanto a analisar quanto a selecionar aquilo que assiste.

Para que esse objetivo seja atingido é importante que ele conheça um pouco da história da televisão aberta no Brasil. Isso porque é a esse tipo de televisão a que maioria das pessoas tem acesso, principalmente os alunos que são em geral da classe baixa.

O desenvolvimento desta oficina acontecerá da seguinte forma:

No 1º momento haverá o acolhimento, a recepção da ministrante aos professores, a qual socializará a proposta de formação, oferecendo o material de apoio ao professor: pastas, blocos para anotações, textos, canetas, dentre outros.

No 2º momento, a ministrante deve provocar a reflexão sobre o hábito de assistir televisão. Para isso, lançará mão de perguntas que sobre os programas de televisão aberta que mais assistem, por que. A mediadora deve deixar o grupo a vontade para falar de suas preferências. Em seguida deve distribuir uma ficha, pedindo que anotem os nomes dos programas, conteúdos que mais os professores gostam, tempo que destinam para isso. Pedir que os professores escolham um programa que mais gostem e justifiquem isso. A mediadora proporá aos participantes que escrevam o nome do programa numa folha de papel A4 e disponha-a num varal.

No 3º momento, a mediadora orientará a leitura dos textos: A televisão no Brasil, contido no corpus deste projeto e “Qual é a trajetória das TVs públicas no Brasil?”³. Dependendo do número de participantes, essa atividade poderá ser em

³ Ver anexo I

grupo. Feito isso, os envolvidos devem fazer uma reflexão oral sobre a leitura. Algumas perguntas poderão ser necessárias para facilitar a socialização: o que mais chamou a atenção? O que é novo nesse material para vocês? O que descobriram? Houve a confirmação de alguma hipótese? Após a leitura você modificará seu ponto de vista acerca da televisão?

No 4º momento é importante que os participantes amadureçam opiniões a respeito dos programas, pois a ideia é que o professor dirija seu olhar crítico para a televisão, absorvendo aquilo que pode servir para enriquecer sua postura como educador e como mediador do ensino.

Para isso a ministrante disporá de uma ficha com roteiro⁴ das atividades que os envolvidos realizarão. Nesse momento, em grupos ou individualmente, os professores citarão programas da televisão aberta, que eles conheçam e que, possam ser utilizados em suas salas de aula. Após esse momento, serão convidados a socializarem com o grupo suas sugestões, devendo esclarecer o porquê da escolha e como poderia ser trabalhado em sala de aula.

A expectativa é que o professor envolva-se na redescoberta de um novo olhar a respeito da grade de programação da televisão aberta e que identifique nela, mecanismos que possa utilizar em sala de aula para desenvolver aprendizagens. Além disso, espera-se que o professor faça uma autoavaliação de suas escolhas e que a oficina possa reforçar seu comportamento crítico perante a sociedade.

Para esta oficina serão necessários materiais como caneta hidrocor, tinta guache, pincel, giz de cera, barbante, pregadores de roupa, papel A4, cópias do texto, pasta com identificação, canetas esferográfica.

3.2.1.2. Oficina 2

Vem cá, eu te conheço?

O nome da oficina já é um indício do que se propõe. A alusão a um bordão de uma personagem do programa Zorra Total da TV Globo tem como indicativo chamar a atenção do educador, quebrando a ideia de obrigação ou de trabalho que a

⁴ Ver anexo II

realização deste curso pode ter. Assim, nesta, objetiva-se provocar o professor no que se refere ao saber manusear o aparelho da televisão com perfeição, verificando se há dificuldades no que se refere à instalação dos equipamentos. Para isso, partiu-se da hipótese de que pode haver professores que deixam de usar a televisão por não saberem como manuseá-la. Houve uma preocupação em identificar quaisquer problemas que possam impedir a eficiente apropriação da televisão como recurso de ensino e aprendizagem. Além disso, busca-se discutir a respeito das vantagens e desvantagens da televisão na educação.

O início desta oficina prescindirá da preparação do ambiente, devendo estar a disposição: televisor, tomadas, plugues, extensão, aparelho de DVD, controle remoto e outros materiais necessários.

Após a acolhida com uma dinâmica de grupo, a ministrante pedirá que cada envolvido ou grupo, conforme o número de participantes, prepare os recursos tecnológicos disponíveis para uso em sala de aula. Cada grupo ou participante deverá instalar os equipamentos. A ministrante deverá levar um brinde para dar aquele que conseguir em menos tempo deixar tudo pronto.

Retomando o comando, a ministrante dará ao grupo, caso seja necessário, orientações técnicas acerca da correta instalação dos equipamentos necessários ao uso na sala de aula: procedimentos, cuidados, normas de uso. Essas informações são importantes porque se contata que ainda há pessoas que não sabem manusear corretamente a televisão e essa dificuldade interfere no uso em sala, quando não há outro profissional para fazer a instalação. Pensa-se, nesse caso, na autossuficiência do professor.

Em seguida, a mediador dividirá o grupo em dois e instigará um debate a partir do seguinte tema: A televisão educa ou deseduca?

Enquanto os grupos organizam seus argumentos, a mediadora deve distribuir os textos: Ela tem alma de pomba, de Rubem Braga, Estragou a televisão!!!, de Luís Fernando Veríssimo, Ela, de Luís Fernando Veríssimo para que a partir da leitura os grupos façam argumentos e, conseqüentemente, reflitam, sobre o papel da televisão e de seu potencial educativo.

Cada grupo deve ler os textos e, em seguida, defender seus pontos de vista. O objetivo não é que um grupo ganhe, mas que os professores analisem o potencial da TV, seus usos e aplicações no cotidiano e na prática educativa. Os professores

devem elencar os principais pontos – positivo e negativo- num cartaz para melhor visualização e didatização da apresentação.

Nesta oficina serão necessários os seguintes materiais: Cópias dos textos, papel 40, pincel atômico, percevejo, mural.

A expectativa é que os professores divirtam-se um pouco, a medida que refletem sobre o papel da televisão e apuram o olhar para as ideologias transmitidas nos programas de televisão. Espera-se que haja envolvimento dos participantes e até mesmo certa disputa, mas que o objetivo principal seja alcançado: a análise das vantagens e/ou desvantagens da televisão no processo educativo.

3.2.1.3 Oficina 3

Meu programa favorito

Nesta oficina, o objetivo é perceber a importância de ver televisão com olhar crítico. Para isso, os professores assistirão a trechos em DVDs, de conteúdos da televisão: programas de auditório, programa de variedades, propagandas, telenovelas, outros, gravados previamente. Em seguida, deve-se pedir ao grupo que escolham o conteúdo televisivo de sua preferência (propaganda, desenho, filme) e analise-o, a partir do esquema proposto no anexo IV. Após essa atividade, iniciará a socialização das conclusões dos grupos. Para tanto, serão necessários cópias do anexo IV e papel A4. Durante a socialização, espera-se que os professores posicionem-se criticamente, com olhar mais atento às ideologias que os programas repassam explícita e implicitamente, questionando atitudes, valores e comportamentos disseminados na e pela televisão.

3.2.1.4 Oficina 4

Liguem a TV...Vamos estudar!

Nesta oficina propõe-se conhecer projetos educativos que envolvam a televisão para que os professores possam ter modelos, referências de projetos que

experiências e projetos que possam ajudar na elaboração de estratégias de uso da televisão em sala de aula. Para isso, a mediadora distribuirá cópias do texto “Liguem a TV. Vamos estudar”.⁵ Em seguida, orientará os professores para que façam a leitura em grupo e anotem suas considerações para posterior socialização em sala de aula. No momento seguinte será apresentado slides, com exemplos de uso adequado e não adequado da TV, de acordo com texto da revista Nova Escola. No terceiro momento haverá a leitura dos relatos⁶: Noticiários atualizam os conteúdos escolares; Novelas e seriados rendem estudo de época e de costumes; Propaganda motiva estudo de Matemática; Uma emissora de televisão na escola.

O estudo desses textos irá subsidiar uma nova concepção de televisão na sala de aula. Aquela em que é possível perceber o potencial desse recurso em experiências docentes que tiveram êxito. Dessa forma, espera-se convencer os professores de que é possível mudar a prática educativa englobando a televisão, bem como estimulá-los a fazerem seus próprios projetos de ensino.

3.2.1.5 Oficina 5

“Tô de olho na TV”

Para que a mudança na forma de pensar a televisão como recurso de aprendizagem é importante a mudança de postura do educador: que ele deixe de vê-la apenas como recurso paliativo para uso de outras tecnologias, como o vídeo e passe a incorporá-la no seu planejamento.

Assim, o objetivo desta última oficina é planejar o uso da televisão como recurso de aprendizagem em sala de aula, através de um projeto de ensino e que possa, a partir desse curso, desenvolver habilidades e competências para o uso crítico e criativo da televisão.

Para tanto, no primeiro momento desta, a mediadora distribuirá cópias do projeto delineado aqui neste trabalho, destacando os pontos relevantes do mesmo. Em seguida os professores serão organizados em grupos e elaborarão uma

⁵ Vide anexos V

⁶ Disponível no corpus do anexo V

proposta de uso da televisão como recurso de aprendizagem em sala de aula, considerando os conteúdos curriculares e objetivos do ensino-aprendizagem. O papel do mediador nesta etapa é de orientar e estimular o grupo a pensar em ideias possíveis de se realizar. Neste momento é importante disponibilizar lápis, canetas, papel A4, cópias do projeto “A TV que educa”, revistas, outros referenciais teóricos para que sirvam de apoio aos professores. Após esse momento é importante compartilhar com todos a proposta escrita.

Espera-se que o professor, ao participar deste curso reflita sobre sua prática educativa e sua percepção da televisão e que se sinta capaz de inovar com propostas de ensino diferenciadas ao envolver a televisão, ou seja, que absorva o conteúdo televisivo como objeto de estudo, vislumbrando a formação crítica e reflexiva do aluno que é, cotidianamente, influenciado pela televisão.

Durante a avaliação, espera-se conhecer os pontos positivos da oficina, se alcançou os objetivos pretendidos tanto no conteúdo, mediação, quanto na recepção dos educadores. Se o público-alvo sentir-se envolvido e motivado, este curso terá atingido seus objetivos. E, a partir de então, os pontos a serem aprimorados ou não abordados poderão ser conteúdo de outras oficinas de formação, pois esta deve ser uma constante no exercício docente

3.3 A Televisão que ensina. O Aluno que aprende

Conforme elucidado acima, este constitui a segunda parte desta proposta: um projeto para ser desenvolvido em sala de aula, para as turmas de 4ª séries, cujos alunos estão na faixa etária de 09 a 12 anos. As atividades são de cunho interdisciplinar e devem ser desenvolvidas durante uma semana ou, a critério do professor, o tempo poderá ser expandido ou reduzido.

Aqui, parte-se do pressuposto de que o professor é o principal mediatizador do processo educativo e considerar-se-á que a motivação partirá dele. O projeto delineado a seguir envolve a televisão como produto de análise, juntamente com o vídeo como sensibilização, conteúdo de ensino e produção.

As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. [...] Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas

informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários onde muitas crianças possam assisti-los.(MORAN, 1995)

3.3.1 – O Projeto de aprendizagem: Dize-me o que comes e te direis quem és.

Este é um projeto didático interdisciplinar, elaborado para atingir as finalidades deste trabalho, e deverá ser desenvolvido em classe, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia, Matemática e Artes, com alunos da 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental I.

O projeto consiste em produzir um programa de televisão, em vídeo, tendo como tema a culinária dos Estados brasileiros que compõem a Região Norte. Para tanto será necessário trabalhar habilidades de planejamento de escrita, reescrita de textos, análise de programas de televisão, reconhecimento de gêneros textuais, pesquisa com vista a desenvolver competências necessárias ao protagonismo do sujeito. Assim criatividade, organização, iniciativa, trabalho em equipe serão parte dos critérios avaliativos que servirão para avançar ou recuar no desenvolvimento do trabalho.

3.3.1.1 *Objetivos*

- Conhecer a cultura dos Estados da região norte, por meio da sua culinária;
- Construir vocabulário relativo aos contextos escolhidos para pesquisa;
- Interagir por meio da linguagem escrita e oral a partir de uma situação de comunicação real.

3.3.1.2 *Conteúdos*

- Língua Portuguesa
 - ✓ Estudo do gênero receita culinária;
 - ✓ Planejamento da escrita e produção de roteiro;
 - ✓ Vocabulário relativo à cultura (culinária);
 - ✓ Oralidade.
- Geografia
 - ✓ Região norte: divisão política

- ✓ Leitura de Mapas
- Matemática
 - ✓ Medidas de capacidade
- Arte
 - ✓ Folclore: culinária regional

3.1.1.3 Público-alvo

3ª e 4ª séries.

3.1.1.4 Tempo estimado

01 bimestre

3.1.1.5 Materiais necessários

Vídeo de um programa de culinária;

Receitas culinárias impressas;

Vídeos publicitários sobre culinária;

Sugestão: Programa “Mais você”, “Hoje em dia”, “Estrelas”, dentre outros

Reportagens em vídeos e impressas sobre os Estados da região Norte;

- Filmadora, câmera fotográfica que filme ou telefone celular com câmera de vídeo;
- Mapas;
- Papel 40 kg;
- Pincéis atômicos;

3.3.1.6 Desenvolvimento

- 1ª etapa - Conhecendo programas de entrevista

Inicie a aula informando à classe a proposta de trabalho.

Nome do Projeto: “Diga-me o que comes e te direis quem és”

Copiar na lousa o plano de trabalho:

- ✓ Assistir a programas de culinária;
- ✓ Analisar esse tipo de programa: o que é apresentado em cena, como são feitas as receitas, listar as características do quadro;

- ✓ Planejar, filmar e editar um programa de culinária para apresentá-lo no restaurante da escola;
- ✓ Montar um restaurante com a culinária regional;
- ✓ Veicular a produção na TV do restaurante.
- ✓ Pesquisar sobre Estados da região norte
- ✓ Pesquisar sobre a culinária típica desses Estados.
- ✓ Estudar sobremedidas de capacidade;
- ✓ Ler e compreender receitas culinárias;
- ✓ Ler e fazer mapas com base na culinária regional.

Em seguida, proponha que a turma assista a um programa de culinária e peça que o observem com base na lista que construíram. Deixe que a classe assista todo o episódio, sem interrupções, e depois o apresente novamente, parando nas partes que precisam ser observadas com mais atenção. Ao concluir a análise, faça um registro coletivo com a turma sobre as primeiras impressões a respeito desse gênero de produção.

O registro coletivo deve ficar exposto em cartaz.

- 2ª etapa - Planejando a elaboração do programa

Retome o registro da última aula e divida os alunos em grupos. Peça que cada um escolha um Estado da região Norte. Proponha que elaborem um plano de trabalho, prevendo perfil do apresentador, o auxiliar, o entrevistado, o entrevistador, o cozinheiro, os nomes dos "atores" do programa, a estrutura da cozinha, a publicidade, o nome, o logotipo, a música, as piadas, a mascote, o prato típico do povo escolhido e o que mais que os alunos quiserem para completar seus programas.

No final da aula, cada grupo deve entregar esse primeiro roteiro⁷. Analise a proposta e devolva aos alunos na aula seguinte, com as observações necessárias. Solicite que façam uma pesquisa de um prato típico do povo com o qual trabalharão e tragam na aula seguinte.

- 3ª etapa - Conhecendo os Estados e a culinária típica de cada um.

Assista com o grupo a vídeos sobre os Estados da região Norte, para que reforce o contato com cultura de cada um. Apresente mapas com e peça que identifiquem os Estados com que irão trabalhar. Peça que identifiquem o Estado com

⁷ Ver modelo de modelo de roteiro: "Como se produz vídeo vídeo educaytivo" disponível em: http://www.fag.edu.br/professores/rwcamargo/audiovisual/Exemplos_roteiro%20%281%29.pdf

os elementos da culinária local. Peça que cada grupo socialize a receita que pretendem apresentar com os colegas. Após a socialização, peça que os alunos retomem as anotações que fizeram e esclareça as dúvidas de vocabulário. Verifique se os alunos conseguiram compreender as informações.

- 4ª etapa – Conhecendo as medidas de capacidade

Traga para a escola diferentes utensílios que servem para medir os ingredientes da receita. Oriente sobre as medidas de capacidade e peça que meçam ingredientes de acordo com suas orientações. Assim: meio litro, 20 ml etc. Peça que anotem nos cadernos as informações da aula.

- 5ª Etapa – por dentro do gênero receitas

Traga cópias de receitas culinárias de casa. Peça que leiam e analisem a situação comunicativa do gênero textual: quem escreve? Para quem? Por que escrevem? A quem interessa? Onde é veiculado? O que não pode faltar? Em seguida, peça que escrevam uma receita de alguma comida que saibam fazer. Oriente a escrita e reescrita do texto.

- 6ª etapa - Conhecendo e preparando roteiros

Inicie a aula devolvendo ao grupo os primeiros roteiros que fizeram com comentários. Solicite que leiam e guardem. Apresente à classe um roteiro completo e analise-o com eles para que verifiquem os aspectos que precisam ser inseridos. Nele deve constar o que os alunos vão cozinhar, qual parte da receita ficará pronta previamente e o que será feito enquanto a filmagem acontece, o que será dito pela apresentadora ou apresentador, quais os utensílios que serão usados, o que a apresentadora fará enquanto o convidado cozinha, etc.

Ofereça aos grupos um roteiro impresso para que possam consultar enquanto reveem os seus, assim terão um bom modelo para se apoiar. Garanta que todos tenham em mãos a listagem de palavras relativas ao universo da culinária. Ofereça também um texto com informações sobre os hábitos alimentares da população do Estado com o qual cada grupo estiver trabalhando para que possam ampliar seu repertório e aproximar a produção da cultura de cada um.

Por fim solicite que retomem seus roteiros de trabalho comentados pelo professor e partam agora para produção da versão final, consultando todo o material que tem em mãos.

- 7ª etapa - revisando roteiros

Eleja dois roteiros bem escritos, que tenham contemplado a maior quantidade possível dos aspectos previstos, e os analise junto com o grupo explicitando por que eles são bons roteiros. Solicite que os grupos anotem informações que os ajudem a revisar os seus após essa análise coletiva.

Garanta que todos os grupos revisem seus materiais nessa aula para que a filmagem possa ser realizada nas suas aulas seguintes. Caso não terminem, sugira que se reúnam fora do horário de aula.

- 8ª etapa - filmando os programas

Ao longo de duas semanas, os alunos estarão trabalhando na filmagem de seus programas. Para esse trabalho, podem usar câmeras fotográficas, filmadoras ou mesmo celular. Os grupos precisam montar um cenário, que pode ser a cozinha da casa de um colega ou mesmo a cozinha da escola. É importante que sejam acompanhados pelo professor nessa etapa.

- 9ª etapa - vendo e revendo os programas

Todos os grupos apresentam os seus programas, que serão analisados e debatidos pela turma, a partir dos roteiros criados em sala de aula. Após essa avaliação, os grupos terão tempo para fazer os ajustes necessários em suas produções.

- 10ª etapa - apresentando o programa no refeitório da escola.

Peça que os alunos redijam convites para o lançamento do programa. Convide os pais, professores para assistir a todos os programas. Prepare um mostra das comidas pesquisadas para degustação e ornamente o refeitório como se fosse um restaurante para receber os convidados.

- Produto final

Vídeo e roteiro do programa de vídeo por escrito contendo: nome, logotipo, apresentação, entrevista, publicidade.

3.1.1.7 Avaliação

Avalie o produto final do projeto (vídeo e roteiro), em todas as etapas de construção: escrita de roteiro, reescrita, filmagem, edição e apresentação. Avalie cada etapa dando devolutivas com pontos a serem melhorados e finalmente passe a

etapa de filmagem quando o roteiro esteja completo e possa servir de ajuda no trabalho dos alunos.

3.1.1.8 Roteiro para avaliação

Tabela 1: Roteiro para avaliação

CrITÉRIOS Avaliativos do Projeto		
Pertinência ao tema proposto	1,0	O texto deve abordar o tema “Dize-me o que comes e te direis quem és”, mostrando os traços da cultura regional de cada Estado da região Norte.
		O prato escolhido representa verdadeiramente o Estado escolhido?
Planejamento do Programa	2,0	Há presença do perfil do apresentador?
		Cita a presença do auxiliar, do entrevistado, do entrevistador, do cozinheiro, os nomes dos "atores" do programa?
		Refere-se à estrutura da cozinha?
		Percebe a publicidade de produtos como parte do programa?
		Preocupou-se em apresentar o nome, o logotipo do programa?
Há música, piadas, mascote no programa?		
Produção de Receita Culinária	1,0	Escreve a partir de modelos pré-estabelecidos e com foco no leitor?
Conhecimento dos Estados e da culinária típica de cada um	2,0	Identifica o Estado a partir da leitura de mapas
		Reconhece o Estado a partir dos traços da culinária e da cultura
Aprendizagem das medidas de capacidade	1,0	Reconhece o litro, seus múltiplos e submúltiplos, como medida de capacidade?
		Sabe usar os conhecimentos teóricos na prática?
Montagem do programa	2,0	Originalidade, Criatividade
		Apresentação oral
		Recursos sonoros,
		Presença de publicidade
		Entrevista
Qualidade da imagem		
Trabalho em equipe	1,0	Responsabilidade, Iniciativa, Cooperação

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se vislumbrar a televisão numa perspectiva de aprendizagem, considerando-a como objeto de investigação para melhor entendimento das nuances, perspectivas e desafios que a envolvem quando relacionada à educação.

Não se pode ignorar um veículo de comunicação de massa que está presente em quase todos os lares brasileiros e que constitui uma das únicas formas de entretenimento, informação de muitos. E que há cerca de 50 anos ganha lugar de destaque na história das pessoas e status nas rodas de discussão.

Hoje, a televisão é uma ferramenta tecnológica que, assim como outras, é indispensável ao novo contexto educacional, o qual pressupõe a educação para a mídia, para o protagonismo e para a participação ativa na sociedade.

A primeira para que se entendam as ideologias veiculadas pela mídia e sua capacidade de formação de opiniões e veiculação de informação; a segunda porque a sociedade requer indivíduos capazes de agir prontamente, que sejam pró-ativos e que se projetem no cenário global da competitividade e, por fim, a terceira porque mais importante do que ter acesso à informação, é preciso saber checá-la, selecioná-la para que possa transformá-la em conhecimentos e assim, poder melhorar a qualidade de vida, diminuindo as diferenças sociais.

Entretanto, embora tais expectativas volte-se para a escola, esta ainda não corresponde a contento às necessidades e exigências desse novo tempo. Na verdade, pouco se tem discutido nos últimos tempos quanto à relação educação versus televisão. Mediante a reflexão sobre o uso da televisão em sala de aula como recurso de aprendizagem, constata-se que para interferir e modificar o presente, necessário se faz conhecer e entender a trajetória da televisão.

Assim sendo, esta pesquisa possibilitou apresentar algumas constatações: a de que não se pode mais negar a importância da televisão no ensino-aprendizagem, porque esta tem potencial educativo que permite a exploração de sua linguagem lúdica, de seu conteúdo diversificado na transmissão de informações que, uma vez mediadas pelo professor podem transformar-se em conhecimento.

Compreendeu-se que para que os ideais de educação, tendo a televisão como recurso de aprendizagem, sejam alcançados não é necessária apenas a presença física dessa ferramenta em sala de aula, mas a capacitação do professor,

para que este se sinta seguro ao abordar essa tecnologia em sua prática diária. Passa também, pela perspectiva da pedagogia de projetos, que subteme o planejamento de atividades com intuito de alcançar um objetivo educacional.

Para tanto, procurou-se incluir a televisão numa proposta didático-metodológica que atenda à necessidade de capacitação do professor e, também, às especificidades de aprendizagem pelo aluno. Essa proposta, na verdade, constitui dois projetos distintos de intervenção:

O primeiro, conforme exposto, volta-se para a formação do professor. Intitulado “Professor ligado” está formatado em cinco oficinas de 02 a 03 horas de duração para ser ministrado aos professores de 3ª e 4ª séries no contraturno. Objetiva-se com levar o público-alvo à reflexão sobre sua prática pedagógica e sobre a televisão como recurso de ensino e de aprendizagem. Espera-se, com isso, oferecer subsídios que propiciem ao educador novas experiências com a televisão em sua sala de aula, visando melhorar a qualidade da educação. Para tanto, espera-se poder aplicá-lo na instituição escolar definida no corpus deste projeto, ainda este ano e assim, concretizar este anseio de aliar a teoria à prática. A ideia é contribuir com a prática educativa e com a formação do professor.

Espera-se que os professores sintam-se estimulados a desafiar essa forma de usar a televisão em sala de aula e que possam colocar em prática aquilo que foi debatido, socializado, compartilhado. Espera-se que com as conversas, as trocas de ideais e experiências propiciem um novo aprendizado ao professor e este se sinta encorajado a alçar novos voos. Mas, acima de tudo que ele não tenha medo de ousar, de errar, e que inclua a televisão em sua prática pedagógica, levando o aluno a refletir, a exercer sua cidadania, indo muito além da passividade a que está acostumado.

O segundo, intitulado “Dize-me o que comes e te direis quem és”, é um projeto de cunho interdisciplinar, de minha autoria, elaborado para atingir as finalidades deste trabalho e volta-se para o público de 3ª e 4ª séries. Foca no desenvolvimento de habilidades de comunicação escrita e oral, análise de programa de tevê, passando pelo desenvolvimento de habilidades matemáticas, espaciais e artísticas, englobando conteúdos curriculares das disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia, Matemática e Artes, respectivamente. Pretende-se que este seja um referencial na construção de outros projetos de ensino pelos professores e que seja capaz de desmistificar a presença da televisão em sala de aula. Para tanto, espera-

se que após o curso de formação continuada, os professores das respectivas turmas utilizem-no em suas salas de aula. Não há intenção de analisar os resultados do mesmo, mas de apresentá-lo como modelo para uma guinada nos rumos educacionais contemporâneos: aquele que inclui a televisão como tecnologia no contexto educativo para forjar um cidadão mais consciente, através de aulas em que a interação, a experimentação adquirem sentido dentro de uma proposta real de comunicação.

Buscou-se “aguçar e potencializar reflexões sobre escola para que incorpore o material veiculado pela TV como possibilidade de conhecimento, como estímulo à busca de informações e discussões entre os alunos” (SOARES, 2005: 55). Dessa forma pleiteia-se a concepção de televisão muito além de um recurso paliativo, mas como uma ferramenta com potencial lúdico e de transformação social e educacional.

Ao concluir este trabalho considera-se que além de discussões teóricas, é importante, também, a abordagem prática dos fatos discutidos. Afinal, aprendemos a fazer, fazendo, por isso a proposta prática de intervenção. Espera-se que os objetivos almejados sejam alcançados e que os projetos elaborados para o uso da televisão possam contribuir com os ideais de educação do nosso tempo e, principalmente, para a transformação de atitudes e comportamentos em relação ao uso da televisão em sala de aula na Escola Estadual Prof^a Josefa Jucileide A. Colares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos T. Pinheiro. **O brincar na educação infantil**. Revista Virtual Efartigos. Natal/RN. Volume 03, nº 11, mai/2005. [on-line]. Disponível em: < <http://efartigos.atspace.org/efescolar/artigo39.html/>>. Acesso em: 07.08.2012

ASSIS, Regina. **Os exageros de alguns desenhos animados**. Ago/2007. Revista Nova Escola. Entrevista concedida à Araci Queiróz.

BELLONI, Maria Luíza. O que é mídia-educação. 2 ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005. 100 p.

BERNO, Geovani. **Televisão, educação e sociedade: uma visão crítica**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2003. [on-line] Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/berno-geovani-televisao-sociedade.pdf>>. Acesso em: 16.07.2012

BRAGA, Rubem. **Ela tem alma de pomba**. In: 200 crônicas escolhidas. São Paulo: Circulo do Livro. Disponível em: < <http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/881679/t1310.asp>>. Acesso em: 01/09/2012

CATELLI, Rosana Elisa. **Cinema e Educação em John Grierson**. [on-line] Out/2003. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/aruanda/cineducemgrierson.htm>. Acesso em: 25.07.2012

COSTA, Renata. Qual é a trajetória das TVs públicas no Brasil. **Revista Nova escola**, set/2009. [on-line] Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/historia/fundamentos/qual-trajetoria-TVs-publicas-brasil-499282.shtml>> Acesso em: 09.08.2012

CHIAPPINI, Lígia [org.]. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002, p. 7-28.

DORNELES, C. M., BRAGA, V. L. S. e ZANON, A. M. **A televisão e a sala de aula**. [on-line] Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2006. Disponível em: < http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=284&id_reg=43&voltar=lista&site_reg=98&id_comp_orig=284>. Acesso em: 14.07.2012

FONTANA, Nauria Inês. **Uso das tecnologias em sala de aula – televisão**. Revista linha Virtual Concórdia, Santa Catarina. Universidade do Contestado, nº 4, I semestre de 2005.

FERRAZ, Ernani; SOLDATI, Viviane. **TV digital e educação para os novos tempos**. Revista Alceu, v. 12 – n. 23 – p. 49 a 61 – jul./dez. 2011. [on-line] Disponível em: < <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Artigo4%20Ernani%20Ferraz%20e%20Viviane%20Soldati.pdf>>. Acesso em: 22.07.2012

GADOTTI, Moacir. A escola frente à cultura midiática. In: OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. p.21-25.

GENTILE, Paola. **Liguem a TV: vamos estudar**. Revista Nova Escola. ed. 189. jan/fev 2006.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. Revista **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. [on-line] Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>. Acesso em: 17.07.2012

NAGAMINI, Eliana. Televisão, publicidade e escola. In: CHIAPPINI, Lígia[org]. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002, p. 29-62.

OLIVEIRA, Marta Melo de. **A televisão na sala de aula**. Ead Brasil. 2008. [on-line] Disponível em: <http://ead.noisfalatrem.com/2008/12/televiso-na-sala-de-aula.html>. Acesso em: 14.07.2012

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. 176 p.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. **Integração de mídias e a reconstrução da prática pedagógica**. Salto para o Futuro/TV Escola, de 2 a 6 de maio de 2005 (Programa 1). [on-line] Disponível em: <http://midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com.br/2009/02/integracao-de-tecnologias-com-as-midias.html>. Acesso em: 14.07.2012.

PRÄSS, Alberto Ricardo. **Teorias de Aprendizagem**. 2007/1. [on-line] Disponível em: <http://www.fisica.net/monografias/Teorias_de_Aprendizagem.pdf> Acesso: 26.07.2012

RIBEIRO, Antonia, CASTRO, Jane Margareth de e REGATTIERI, Marilza Machado Gomes. **Tecnologias na sala de aula : uma experiência em escolas públicas de ensino médio** / – Brasília : UNESCO, MEC, 2007.28 p. [on-line] Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001510/151096por.pdf>> Acesso em: 18.07.2012

SILBINGER, Lara Nogueira. **O potencial educativo do audiovisual na educação formal**. Recenso – Revista de Recensões de Comunicação e Cultura. 2005. [on-line] Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/silbiger-lara-potencial-educativo-audiovisual-educacao-formal.pdf>>. Acesso: 23.07.2012

SOARES, Fernanda Costa. **Tecnologia na educação: a televisão no âmbito escolar**. Divinópolis, Fundação educacional de Divinópolis, 2008. 63p. (dissertação de mestrado). [on-line] Disponível em: <http://www.funedi.edu.br/files/mestrado/Dissertacoes2010/DissertacaoFernandaCSoare.pdf>. Acesso em: 25.07.2012

VERÍSSIMO, L. F. **Ela**. [on-line] Disponível em:
<http://mardepoesia.wordpress.com/2011/03/22/a-televisao-chico-buarque/>. Acesso em: 09.08.2012

_____. **Estragou a televisão**. [on-line] Disponível em: Disponível em:
<<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/TV-estragou.html>>. Acesso em: 09.08.2012

ANEXOS

Anexo I: A trajetória das TVS públicas no Brasil

Qual é a trajetória das TVs públicas no Brasil?

Renata Costa (novaescola@atleitor.com.br) (novaescola@atleitor.com.br)

A primeira TV pública do Brasil foi a TV Universitária de Pernambuco, inaugurada em 1968. Seu objetivo era levar educação para os 50% de analfabetos entre a população do estado. A programação não se resumia a aulas ou palestras da instituição de ensino, havia programas variados. Um dos mais marcantes foi o semanal O Grande Júri, que foi ao ar durante 14 anos e promovia discussões sobre diversas áreas, mesmo política, em plena época de ditadura.

O conceito de TV pública determina que ela não tenha fins lucrativos e, portanto, seu objetivo é atingir o público como cidadão, não como consumidor, por meio de programas de interesses diversos e com cunho cultural, informativo e educativo.

Além dos canais universitários - que são mais de 40 no país - o conceito de TV pública engloba também as estaduais (cerca de 20), as comunitárias (bem mais de uma centena) e os canais dos poderes legislativo e judiciário. No que diz respeito ao canal comunitário, ele deve ser administrado por uma organização não-governamental e dar voz à comunidade, como o próprio nome determina, seja um bairro, um grupo ou uma cidade. Os primeiros do Brasil foram o TV Viva, de Olinda, Pernambuco, em 1983, e o Maxambomba, da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, três anos depois. A programação era composta por vídeos realizados nos bairros e praças locais.

A importância da televisão pública é, segundo Antonio Achilis, pesquisador e presidente da Associação Brasileira das Emissoras Públicas Educativas e Culturais (Abepec), principalmente, seu compromisso com a região onde está presente. "Ela dá voz, por exemplo, a um repórter com sotaque diferente daquele do Sul e do Sudeste do país que é mostrado pelos canais de televisão comerciais", exemplifica.

"Hoje já sabemos que quanto mais enraizado for uma programação de TV, mais comprometida com sua cultura local, maior é seu caráter universal", explica Achilis. Ele cita o exemplo do programa Catalendas, da TV pública do Pará, que faz sucesso em outros estados brasileiros. O programa aborda, por meio de bonecos,

as lendas e as histórias populares do país, principalmente da Amazônia. No Acre, a TV Aldeia foi a primeira a transmitir, em 1990, a tradicional folia das escolas e blocos de rua da capital Rio Branco, até então ignorada pelos canais comerciais.

Achilis acredita que um grande passo para os canais públicos seria a aprovação de uma lei específica para o setor. A última lei data de 1967 e determinava que os canais educativos deveriam transmitir apenas aulas, seminários e conferências. "Os militares achavam que isso sanaria o problema de déficit de educação do país. O que, claro, não funcionou", diz o pesquisador. Por isso, oficialmente, não se considera nenhum canal público como sendo educativo. Como essa lei não foi revogada, as regras sobre concessão, programação e manutenção das TVs públicas estão inclusas junto às dos canais comerciais. O próximo passo, agora, segundo o especialista, é colocar as TVs públicas na era digital.

Anexo II: Roteiro para análise de programas

ATIVIDADES	EMISSORA 1	EMISSORA 2	EMISSORA 3	EMISSORA 4
Programas que conhece				
Programas que podem ser utilizados em sala de aula				
Programas menos ou não adequados				

Anexo III – Leituras Oficina 03

Ela Tem Alma de Pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida.

Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das 8 no cinema.

Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Cachoeiro F.C. com o Estrela F.C. se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um Fla-Flu, ou a um Internacional x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão.

Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e com tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa, até o making love.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer. Por exemplo: quebrar o braço.

Só não acredito que televisão seja “máquina de amansar doido”.

Até acho que é o contrário: ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar doido, fazer doido dormir.

Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que se pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, a cores ou em preto e branco, sem um botão para desligar. Mas quando um pai de família o utiliza isso pode produzir o ódio e o rancor no peito das crianças e até de outros adultos.

Quando o apartamento é pequeno, a família é grande, e a TV é só uma – então sua tendência é para ser um fator de rixas intestinais.

- Agora você se agarra nessa porcaria de futebol...
- Mas você não tem vergonha de acompanhar essa besteira de novela?
- Não sou eu não, são as crianças!
- Crianças, para a cama!

Mas muito lhe será perdoado, à TV, pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solidários. Na grande cidade – num apartamentinho de quarto e sala, num casebre de subúrbio, numa orgulhosa mansão – a criatura solidária tem nela a grande distração, o grande consolo, a grande companhia. Ela instala dentro de sua toca humilde o tumulto e o frêmito de mil vidas, a emoção, o “suspense”, a fascinação dos dramas do mundo.

A corujinha da madrugada não é apenas a companheira de gente importante, é a grande amiga da pessoa desimportante e só, da mulher velha, do homem doente... É a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos que a vida esqueceu para um canto... ou dos que estão parados, paralisados, no estupor de alguma desgraça...ou que no meio da noite sofrem o assalto das dúvidas e melancolias... mãe que espera filho, mulher que espera marido...homem arrasado que espera que a noite passe, que a noite passe...

Estragou a televisão!!!

Luís Fernando Veríssimo

- Iiih...
- E agora?
- Vamos ter que conversar.
- Vamos ter que o quê?
- Conversar. É quando um fala com o outro.
- Fala o quê?
- Qualquer coisa. Bobagem.
- Perder tempo com bobagem?
- E a televisão, o que é?
- Sim, mas aí é a bobagem dos outros. A gente só assiste. Um falar com o outro, assim, ao vivo... Sei não...
- Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.
- Então começa você.
- Gostei do seu cabelo assim.
- Ele está assim há meses, Eduardo. Você é que não tinha...
- Geraldo.
- Hein?
- Geraldo. Meu nome não é Eduardo, é Geraldo.
- Desde quando?
- Desde o batismo.
- Espera um pouquinho. O homem com quem eu casei se chamava Eduardo.
- Eu me chamo Geraldo, Maria Ester.
- Geraldo Maria Ester?!
- Não, só Geraldo. Maria Ester é o seu nome.
- Não é não.
- Como, não é não?
- Meu nome é Valdusa.
- Você enlouqueceu, Maria Ester?
- Pelo amor de Deus, Eduardo...
- Geraldo.
- Pelo amor de Deus, meu nome sempre foi Valdusa. Dusinga, você não se lembra?
- Eu nunca conheci nenhuma Valdusa. Como é que eu posso estar casado com uma mulher que eu nunca... Espera. Valdusa. Não era a mulher do, do... Um de bigode...
- Eduardo.
- Eduardo!
- Exatamente. Eduardo. Você.
- Meu nome é Geraldo, Maria Ester.
- Valdusa. E, pensando bem, que fim levou o seu bigode?
- Eu nunca usei bigode!
- Você é que está querendo me enlouquecer, Eduardo.
- Calma. Vamos com calma.
- Se isso for alguma brincadeira sua...
- Um de nós está maluco. Isso é certo.
- Vamos recapitular. Quando foi que casamos?
- Foi no dia, no dia...
- Arrá! Tá aí. Você sempre esqueceu o dia do nosso casamento... Prova de que você é o

Eduardo e a maluca não sou eu.

-- E o bigode? Como é que você explica o bigode?

-- Fácil. Você raspou.

-- Eu nunca tive bigode, Maria Ester!

-- Valdusa!

-- Tá bom. Calma. Vamos tentar ser racionais. Digamos que o seu nome seja mesmo Valdusa. Você conhece alguma Maria Ester?

-- Deixa eu pensar. Maria Ester... Nós não tivemos uma vizinha chamada Maria Ester?

-- A única vizinha de que eu me lembro é a tal de Valdusa.

-- Maria Ester. Claro. Agora me lembrei. E o nome do marido dela era... Jesus!

-- O marido se chamava Jesus?

-- Não. O marido se chamava Geraldo.

-- Geraldo...

-- É.

-- Era eu. Ainda sou eu.

-- Parece...

-- Como foi que isso aconteceu?

-- As casas geminadas, lembra?

-- A rotina de todos os dias...

-- Marido chega em casa cansado, marido e mulher mal se olham...

-- Um dia marido cansado erra de porta, mulher nem nota...

-- Há quanto tempo vocês se mudaram daqui?

-- Nós nunca nos mudamos. Você e o Eduardo é que se mudaram.

-- Eu e o Eduardo, não. A Maria Ester e o Eduardo.

-- É mesmo...

-- Será que eles já se deram conta?

-- Só se a televisão deles também quebrou.

Colaborou: Nelson Guedes Paulo Junior

Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/TV-estragou.html>. Acesso em: 09.08.2012

ELA – Luís Fernando Veríssimo

Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quartinho dos fundos. Nosso Filho – Naquele tempo só tinha o mais velho – ficou maravilhado com ela. Era um custo tirá-lo da frente dela para ir dormir.

Combinamos que ele só poderia ir para o quarto dos fundos depois de fazer todas as lições.

- Certo, certo.

- Eu não ligava muito para ela. Só para ver um futebol ou política. Naquele tempo, tinha política. Minha mulher também não via muito. Um programa humorístico, de vez em quando. Noites Cariocas... Lembra de Noites Cariocas?

- Lembro vagamente. O senhor vai querer mais alguma coisa? E me serve mais um destes.

Depois decidimos que ela podia ficar na copa. Aí ela já estava mais crescadinha. Jantávamos com ela ligada, porque tinha um programa que o garoto não queria perder. Capitão Qualquer Coisa. A empregada também gostava de dar uma espiada. José Roberto Kely. Não tinha um José Roberto Kely?

- Não me lembro bem. O senhor não me leva a mal, mas não posso servir mais nada depois deste. Vamos fechar.

- Minha mulher nem sonhava em botar ela na sala. Arruinaria toda a decoração. Nesa época já tinha nascido o nosso segundo filho e ele só ficava quieto, para comer, com ela ligada. Quer dizer, aos pouco ela foi afetando os hábitos da casa. E então surgiu surgiu um personagem novo nas nossas casas que iria mudar tudo. Sabe quem foi?

- Quem?

- O Sheik de Agadir. Eu, se quizesse, poderia processar o Sheik de Agadir. Ele arruinou o meu lar.

- Certo. Vai querer a conta?

- Minha mulher se apaixonou pelo Sheik de Agadir. Por causa dele, decidimos que ela poderia ir para a sala de visitas. Desde que ficasse num canto, escondida, e só aparecesse quando estivesse ligada. Nós tínhamos uma vida social intensa. Sempre iam visitas lá em casa. Também saíamos muito. Cinema, Teatro, jantar fora. Eu continuava só vendo futebol e notícia. Mas minha mulher estava sucumbindo depois do Sheik de Agadir, não queria perder nenhuma novela.

- Certo. Aqui está a sua conta. Infelizmente temos que fechar o bar.

- Eu não quero a conta. Quero outra bebida. Só mais uma.

- Está bem... Só mais uma.

- Nosso filho menor, o que nasceu depois do Sheik de Agadir, não saía de frente dela. Foi praticamente criado por ela. É mais apegado à ela do que a própria mãe. Quando a mãe briga com ele, ele corre pra perto dela pra se proteger. Mas onde é que eu estava? Nas novelas. Minha mulher sucumbiu às novelas. Não queria mais sair de casa. Quando chegava visita, ela fazia cara feia. E as crianças, claro só faltavam bater em visita que chegasse em horário nobre. Ninguém mais conversava dentro de casa. Todo mundo de olho grudado nela. E então aconteceu outra coisa fatal. Se arrependimento matasse...

- Termine a sua bebida, por favor. Temos que fechar.

- Foi a copa do mundo. A de 74. Decidi que para as transmissões da copa do mundo ela deveria ser bem maior. E colorida. Foi a minha ruína. Perdemos a copa, mas ela continua lá, no meio da sala. Gigantesca. É o móvel mais importante da casa. Minha mulher mudou a decoração da casa para combinar com ela. Antigamente ela ficava na copa para acompanhar o jantar. Agora todos jantam na sala para acompanhá-la.

- Aqui está a conta.- E, então, aconteceu o pior. Foi ontem, hora do Dancin'Days e bateram na porta. Visitas. Ninguém se mexeu. Falei para a empregada abrir a porta, mas ela fez "Shhh!" sem tirar os olhos da novela. Mande os filhos, um por um, abrirem a porta, mas eles nem me responderam. Comecei a me levantar. E então todos pularam em cima de mim. Sentaram no meu peito. Quando comecei a protestar, abafaram o meu rosto com a almofada cor de tijolo que minha mulher comprou para combinar com a maquiagem da Júlia. Só na hora do comercial, consegui recuperar o ar e aí sentenciei, apontando para ela ali, impávida no meio da sala: "Ou ela, ou eu!". O silêncio foi terrível.

- Está bem... mas agora vá para casa que precisamos fechar. Já está quase clereando o dia...

- Mais tarde, depois da Sessão Coruja, quando todos estava dormindo, entrei na sala, pé ante pé. Com a chave de parafuso na mão. Meu plano era atacá-la por trás, abri-lá e retirar uma válvula qualquer. Não iria adiantar muita coisa, eu sei. Eles chamariam um técnico às pressas. Mas era um gesto simbólico. Ela precisava saber quem é que mandava dentro de casa. Precisava saber que alguém não se entregava completamente a ela, que alguém resistia. E então, quando me preparava para soltar o primeiro parafuso, ouvi a sua voz. "Se tocar em mim você morre". Assim com toda a clareza. "Se tocar em mim você morre". Uma voz feminina, mas autoritária, dura. Tremi. Ela podia estar blefando, mas podia não estar. Agi depressa. Dei um chute no fio, desligando-a da tomada e pulei para longe antes que ela revidasse. Durante alguns minutos, nada aconteceu. Então ela falou outra vez. "Se não me ligar outra vez em um minuto, você vai se arrepender". Eu não tinha alternativa. Conhecia o seu poder. Ela chegara lá em casa pequenininha e aos poucos foi crescendo e tomando conta. Passiva, humilde, obediente. E vencera. Agora chegara a hora da conquista definitiva. Eu era o único empecilho à sua dominação completa. Só esperava um pretexto para me eliminar com um raio catódico. Ainda tentei parlamentar. Pedi que ela poupasse a minha vida. Perguntei o que ela queria, afinal. Nada. Só o que ela disse foi "Você tem 30 segundos".

- Muito bem. Mas preciso fechar. Vá para casa.

- Não posso.

-Por quê?

- Ela me proibiu de voltar lá. (*Luís Fernando Veríssimo*).

<http://mardepoesia.wordpress.com/2011/03/22/a-televisao-chico-buarque/>

Anexo IV: Modelo de análise de programa de televisão

Emissora	
Nome do programa	
Apresentador	
Ficha Técnica	
Horário de exibição	
Tempo de exibição	
Tipo de programa	
Pontos positivos	
Pontos Negativos	
Sugestões	
Justificativa	

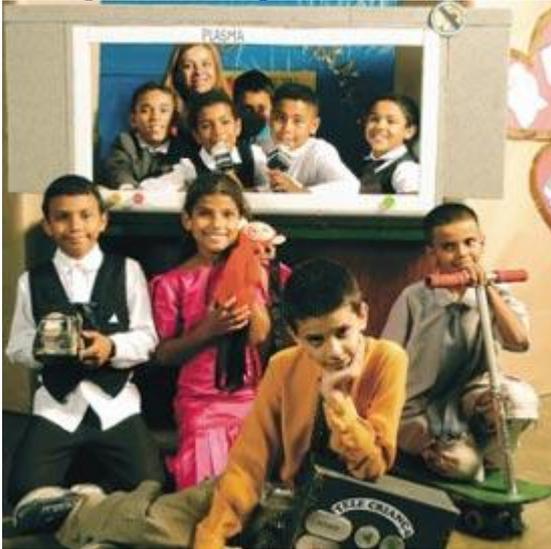
Anexo V: Reportagem “Liguem a tv: vamos estudar!”

Novelas, seriados, desenhos animados, noticiários... Qualquer programa de televisão pode ser usado na sala de aula para introduzir ou aprofundar conteúdos e para discutir valores e comportamento

Paola Gentile (pagentile@abril.com.br) (novaescola@atleitor.com.br)

Compartilhe

[Envie por email](#) [Imprima](#)



A professora Simone e os alunos da 4ª série da escola Egon Schaden, em Francisco Morato (SP): no final do projeto sobre trabalho infantil, a garotada interpreta apresentadores de telejornal e de comerciais, repórteres e cinegrafistas e aprende como a televisão é feita. Foto: Ricardo Benichio

Ela usa ação, imagens e sons especialmente selecionados para prender a atenção da garotada. Ajuda na formação de memórias de longa duração. É capaz de desenvolver a imaginação dos jovens, e as histórias que ela conta são tema de conversas e debates acalorados entre eles. E tem mais: os alunos certamente permanecem de olhos grudados nela em tempo igual ou superior ao que ficam na escola. Dá para desprezar uma ferramenta pedagógica com essas características?

Estamos falando da televisão, esse meio de comunicação tão importante quanto controverso, que já despertou o amor e o ódio de muitos educadores, psicólogos e sociólogos. Alguns dizem que a TV aliena e emburrece. Outros a acusam de promover a violência e o consumismo. A programação que é veiculada nas dezenas de canais abertos ou por assinatura segue, sim, a lógica do entretenimento e do mercado: permanecem mais tempo em cartaz novelas, seriados, telejornais e outros gêneros que têm audiência, e, portanto, patrocinadores. Mas sua influência é inegável. Há dois anos, um estudo do Ateliê Aurora, programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Catarina, constatou que assistir televisão era a atividade mais marcante da rotina das crianças de todos os contextos sociais. Foram entrevistados alunos de Florianópolis de uma escola particular de elite e de escolas públicas localizadas em favela, no centro da cidade e em vila de pescadores. "A TV não é perfeita e o sistema educativo não vai mudá-la. Então, a escola deve usar esse recurso em benefício próprio", afirma Ismar de Oliveira, coordenador do Núcleo de Comunicação e

Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

Com a profusão de canais abertos e por assinatura, a televisão oferece programas para todas as faixas etárias. Noticiários, novelas, minisséries, seriados, talk shows, documentários, programas de auditório, desenhos animados, filmes, clipes... Eles podem ser usados para introduzir conteúdos, aprofundá-los ou ilustrá-los ou para debates sobre comportamento e ética. Selecione os que se encaixam em seus objetivos e fique de olho para perceber onde está o interesse da garotada.

Tudo na TV pode ser aproveitado

Não é nada fácil para os adultos que cresceram ouvindo críticas a esse meio de comunicação tratá-lo bem. Segundo Maria Thereza Fraga Rocco, professora da Faculdade de Educação da USP, há uma tendência por parte de pais e professores em olhar a telinha como o demônio responsável pelo (mau) comportamento das crianças: "Se ela fosse tão influente na atitude das pessoas, bastaria termos uma TV perfeita para vivermos na sociedade dos sonhos". Existem os programas violentos, os que veiculam valores distantes do que os educadores querem passar aos alunos e os que tratam a realidade de maneira simplista ou equivocada. Mas inclusive esses podem render bons frutos: "Tudo o que passa na televisão é educativo. Basta o professor fazer a intervenção certa e propiciar momentos de debate e reflexão", garante José Manuel Moran, professor das Faculdades Sumaré, em São Paulo, e pesquisador na área de tecnologias aplicadas à educação.

Portanto, abandone o discurso que rotula a telinha como a raiz de todos os males e procure assisti-la com outros olhos. Foi o que fez o coordenador pedagógico do Colégio Pentágono, em São Paulo. Carlos Nascimento Júnior precisava encontrar um assunto de interesse dos alunos de 5ª e 6ª séries para ser tema do jornal do colégio no ano passado: "Sempre achei a programação da televisão ruim e fútil e me recusava a perder o pouco tempo livre na frente dela. Mas percebi como esse meio de comunicação é importante na vida das crianças e resolvi dar mais atenção a ele".

Carlos notou a influência dos desenhos animados na fala e nas atitudes dos garotos e não teve dúvidas. Os jovens de 5ª e 6ª séries levantaram os desenhos preferidos pelos colegas da 4ª série, assistiram aos vídeos, discutiram a maneira como os personagens se relacionavam muitas vezes com brigas e violência e conceitos de justiça e amizade. Cada um escreveu um artigo para a publicação baseado nesses debates. Em um dos episódios, um erro científico: duas naves explodem no espaço produzindo barulho e fogo. "Como pode haver som no espaço se ele não se propaga no vácuo? (...) O fogo precisa de oxigênio para queimar, e no espaço não tem oxigênio", questionou Isabela Tavares em seu texto.

O melhor ela faz por você: prender a atenção

No ano passado, pesquisa do Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes (Midiativa), em São Paulo, constatou que a televisão começa a ter fortes concorrentes ao disputar a preciosa atenção de crianças e adolescentes. Internet e celular estão entrando com tudo como opção de lazer e divertimento, mas em camadas pequenas da população. Os jovens ainda gastam em média de quatro a cinco horas por dia na frente de um aparelho de televisão.

Elvira Souza Lima, pesquisadora na área de neurociências aplicada à mídia, de São Paulo, explica que a linguagem que a TV usa imagens em movimento, coloridas, trabalhadas com cortes e fusões e envolvidas em trilhas sonoras especialmente escolhidas mobiliza o sistema límbico, estrutura do cérebro responsável pelas emoções, o que leva a um estado de atenção concentrada. Alguns programas ainda desafiam a imaginação ao propor questões e não dar as respostas imediatamente. "A novela e as minisséries fazem isso muito bem, terminando os capítulos com suspense", exemplifica Elvira.

Olhar crítico vem com debates

Com tantos recursos usados para emocionar e prender a atenção, será que a TV não pode se tornar mesmo um instrumento de manipulação de mentes? Sim, pode. Por isso, levar a televisão para a sala de aula implica também ensinar os alunos a vê-la com olhar crítico. Para Gilka Girardello, coordenadora do Ateliê Aurora, o fundamental é fazê-los entender que a televisão não é uma "janela para o mundo" como gostam de caracterizar os mais entusiasmados: "Ela é um recorte muito bem produzido e montado da realidade e não a realidade".

Estimular os alunos a opinar sobre os programas e chamar a atenção deles para os cortes das cenas e o uso da trilha sonora ajuda a criança a perceber as diversas possibilidades do meio. José Manuel Moran afirma que, quando os alunos produzem programas, captando imagens e selecionando cenas, fica mais fácil perceber as intenções de quem faz televisão. Mas, para tanto, a escola precisaria ter equipamentos. Se isso não for viável, um caminho é comparar os programas com outros produtos culturais: uma novela com o livro que a originou; o telejornal com o jornal impresso; o desenho animado com gibis.

Ao adotar a televisão como recurso pedagógico, convém avisar os pais eles podem ter preconceitos e achar que a escola está enrolando ao colocar a turma na frente do aparelho "em vez de" dar aula. Durante a conversa, Gilka Girardello aconselha o professor a enfatizar que os programas selecionados têm ligação com o conteúdo estudado. Algumas dinâmicas podem ser usadas, como a discussão sobre os valores morais e éticos que uma telenovela está veiculando e a análise de telejornais.

Como usar a TV em sala de aula

Para que o uso produza resultados positivos na aprendizagem, antes de ligar o aparelho lembre-se de:

- Gravar o programa e selecionar as cenas que serão exibidas aos alunos, fazendo o recorte dentro dos seus objetivos.
- Planejar as aulas propondo exercícios e atividades relacionadas ao vídeo: eles não podem ser exibidos como se fossem auto-explicáveis.
- Checar a qualidade da imagem e do som.
- Parar a exibição sempre que necessário para comentários ou explicações.
- Pedir para os alunos anotarem as cenas mais importantes, as falas e os detalhes mais marcantes.

- Rever as cenas mais importantes.
- Observar as reações do grupo para voltar aos pontos da exibição que a turma mais se deteve.

Como NÃO usar a telinha em aula

Sem critério e objetivos pedagógicos claros, a televisão pode virar embromação. Portanto, evite:

- Usar como tapa-buraco quando falta professor ou acontece algum contratempo.
- Passar vídeo que não tenha relação com o conteúdo: as crianças percebem que essa é uma forma de camuflar a falta de planejamento.
- Usar o recurso em todas as aulas e esquecer outras dinâmicas: o exagero diminui a eficiência e empobrece as atividades.
- Criticar sistematicamente possíveis defeitos de informação ou estéticos: se eles existirem, desafie a turma a encontrá-los e a questioná-los.
- Assistir à televisão com os alunos sem discussão: qualquer assunto que venha da televisão deve ser integrado com o tema da aula.

Noticiários atualizam os conteúdos escolares

Uma das características da televisão é trabalhar com temas atuais. Dessa forma, ela pode atualizar conteúdos dos livros didáticos ou mesmo fornecer material que ainda não está neles. Simone de Godoy Cuchera, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Egon Schaden, em Francisco Morato, município da Grande São Paulo, recorreu à TV para tratar de trabalho infantil com sua turma de 4ª série. O assunto foi um dos temas geradores do ano passado. A turma leu o Estatuto da Criança e do Adolescente e assistiu a reportagens dos programas Fantástico e Globo Repórter, da TV Globo.

Com as pesquisas na internet sobre as diferentes situações de trabalho infantil e o que está sendo feito no Brasil para erradicá-lo, os alunos perceberam que a realidade não se limita ao que é mostrado na telinha. Por outro lado, precisaram selecionar as informações para montar um "telejornal" sobre o tema, compreendendo a necessidade de síntese para o veículo. Os estudantes montaram cenários reproduzindo um estúdio de TV, um lixão e uma pedreira que usa mão-de-obra infantil. Meninos e meninas assumiram os papéis de crianças exploradas, apresentadores, repórteres e cinegrafistas. Alguns foram até garotos-propaganda dos produtos que criaram, como patiskate (patinete com skate), carlancheira e babylancheira (recipientes para a merenda), anunciados no intervalo.

Novelas e seriados rendem estudo de época e de costumes

As novelas, minisséries, seriados ou episódios contam histórias do cotidiano. Ao abordar conflitos pessoais ou sociais comuns, prendem a atenção pela previsibilidade ou pelo humor. Essa relação entre o real e o imaginário atrai os telespectadores, que se identificam com situações ou personagens. A aproximação com a vida real fornece rico material para discutir

valores e comportamentos.

Em um projeto sobre discriminação, uma das atividades sugeridas pela professora Maria da Glória Pereira de Miranda à sua turma de 8ª série do Colégio Estadual Aurelino Leal, em Niterói (RJ), foi fazer o levantamento dos programas que mais apresentam situações de preconceitos racial, social ou de gênero. Os alunos pesquisaram em casa e concluíram que Chaves, seriado mexicano exibido à tarde pelo SBT, era o campeão. O personagem do título é maltratado pelos colegas por ser órfão, pobre e mal-vestido. Os estudantes começaram então a reparar como eles mesmos julgavam as pessoas pela aparência e, depois de um debate, concluíram que eles próprios são preconceituosos e que precisavam mudar de atitude.

Já as produções de época fornecem farto material de pesquisa em diversas disciplinas. As professoras Ana Néri de Oliveira Lins e Luciana Maria Silva Lopes, da 4ª série da escola Egon Schaden, em Francisco Morato, usaram a minissérie A Casa das Sete Mulheres, produzida pela TV Globo, para introduzir o estudo sobre a Região Sul. Elas compraram o DVD e a revista sobre o programa, assistiram em casa e selecionaram as cenas mais importantes para reproduzi-las em classe ao longo do projeto. O estudo rendeu vários capítulos: em História, os alunos pesquisaram a Revolução Farroupilha e os outros levantes ocorridos no Brasil Colônia; para fazer a maquete da residência, eles usaram conhecimentos de geometria e cálculos; em Artes, analisaram as imagens de Giuseppe e Anita Garibaldi e Bento Gonçalves publicadas nos livros com as dos atores que os interpretaram, fizeram retratos deles e reproduziram batalhas e cenas em desenhos; a comparação do vocabulário típico do gaúcho com o de outros estados rendeu divertidas aulas de Língua Portuguesa. Para finalizar, a releitura da minissérie deu origem a uma peça de teatro reescrita pela turma.

Noni Ostrower, coordenadora do Centro de Criação de Imagem Popular, no Rio de Janeiro, que oferece cursos de capacitação para diversas redes de ensino, sugere que as produções de época sejam exploradas na comparação de tecnologias, costumes, características sociais e econômicas com a sociedade atual. Quando se tratar de ficção, é possível estimular a imaginação da garotada pedindo à turma que escreva desfechos diferentes para as telenovelas ou seriados ou proponha outros começos para a trama. "O texto dos alunos ainda pode render uma versão em língua estrangeira", completa.

Propaganda motiva estudo de Matemática

Keila Cilene Lopes de Oliveira, professora da Escola Estadual Jornalista Trajano Chacon, no Recife, encontrou na televisão uma aliada para motivar os jovens e adultos de 5ª a 8ª série. "Todos têm TV em casa, assistem e gostam." Para quebrar o grande tabu que a Matemática representava para eles, ela levou para a classe um vídeo com comerciais de supermercados e lojas de eletrodomésticos gravados em casa. Primeiro ela pediu para os estudantes relatarem o que viram e ouviram nas propagandas. O objetivo era que percebessem a força de coerção da linguagem. Depois ela introduziu os conteúdos: com os números utilizados nos comerciais, ela ensinou juros, desconto, vendas à vista e a prazo e propôs vários exercícios. "Eles se animaram ao constatar o uso prático da disciplina", contou a professora.

Para Ismar de Oliveira, o maior atrativo da telinha é ela ser puro entretenimento: "Ela trabalha com humor e síntese e conta histórias sem parar". E, bem trabalhada em sala de aula, pode ser o recurso que faltava para tornar as aulas mais dinâmicas e atraentes.

Onde encontrar apoio e material

Muitas secretarias contratam ONGs para ministrar cursos de capacitação na utilização da TV na sala de aula para suas redes. Este ano o Ministério da Educação (MEC) oferecerá às secretarias um curso a distância para o uso de diversas mídias em sala de aula. Alguns telecentros montados pelo MEC originalmente para orientar os professores quanto ao uso dos programas da TV Escola ampliaram sua atuação. Os telepostos de Niterói (RJ) e do Recife, por exemplo, agora vinculados às secretarias estaduais de Educação, têm videoteca própria inclusive com programas gravados da TV aberta, dão cursos e ajudam os interessados a montar projetos de acordo com a necessidade do currículo. Alguns municípios, como Francisco Morato (SP), estruturaram o próprio centro de multimeios e oferecem, além de material e sugestão de atividades, apoio às escolas da rede para se equiparem com antenas parabólicas, televisão, vídeo e câmera

Quer saber mais?

Colégio Estadual Aurelino Leal, R. Presidente Pedreira, 79, 24210-470, Niterói, RJ, tel. (21) 2717-2802
Colégio Pentágono, R. Nelson Gama de Oliveira, 1244, 05734-150, São Paulo, SP, tel. (11) 3747-6277

Escola Estadual Jornalista Trajano Chacon, Av. do Forte, s/n, 50020-420, Recife, PE, tel. (81) 3445-6068

Escola Municipal de Ensino Fundamental Egon Schaden, R. Virgínia, 429, 07995-000, Francisco Morato, SP, tel. (11) 4488-3375

Ateliê Aurora, www.aurora.ufsc.br

Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes, tel. (11) 3864-1239, <http://www.midiativa.org.br>

Centro de Criação de Imagem Popular, tel. (21) 2509-3812, www.cecip.com.br

Centro de Multimeios e Tecnologia Educacional da Superintendência dos Negócios da Educação e Cultura de Francisco Morato, R. João Mendes Jr., 246, 07790-000, Francisco Morato, SP, tel. (11) 4489-0288

Unidade de Educação A Distância da Secretaria de Estado da Educação de Pernambuco, R. Amauri de Medeiros, 53, 52010-120, Recife, PE, tel. (81) 3423-8694, dete@educacao.pe.gov.br

Elvira Souza Lima, limaeducacao@yahoo.com.br

José Manuel Moran, limaeducacao@yahoo.com.br

Maria Thereza Fraga Rocco, mtfrocco@usp.br

Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Bloco 22, sala 26, 05508-900, tel. (11) 3091-4784, ismarolive@yahoo.com

BIBLIOGRAFIA

Neurociência e Aprendizagem, Elvira Souza Lima, 32 págs., Ed. Sobradinho 107, tel. (11) 5083-6043, 8 reais

O Mito na Sala de Jantar, Rosa Maria Bueno Fischer, 132 págs., Ed. Movimento, tel. (51) 3232-0071, 20 reais